UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL - PPGEcoH

RICARDO LUIZ ARAÚJO GILA

VISÃO CIENTÍFICA DA ALMA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CAMPODA ECOLOGIA HUMANA

JUAZEIRO-BAHIA

2021

RICARDO LUIZ ARAÚJO GILA

VISÃO CIENTÍFICA DA ALMA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CAMPO DA ECOLOGIA HUMANA

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, Campus III, Juazeiro-BA para obtenção do título de Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

Orientador: **Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos**

JUAZEIRO-BAHIA

2021

G463v Gila, Ricardo Luiz Araújo

Visão científica da alma e suas implicações para o campo da ecologia humana / Ricardo Luiz Araújo Gila. Juazeiro-BA, 2021.
56 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos.
Inclui Referências
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH, Campus III. 2021.

1. Conceito de alma. 2. Alma – Física quântica. 3. Ecologia humana.
I. Santos, Juracy Marques dos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 128.3

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL - PPGEcoH

Diretor do Departamento
Prof. Dr. Leonardo Diego Lins

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
Prof. Dra. Dinani Gomes Amorim

JUAZEIRO BAHIA

2021

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE DA BANCA

Prof. Dr. JURACY MARQUES DOS SANTOS
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(ORIENTADOR)

TITULARES

Profª. Drª. Cristiana de Cerqueira Silva Santana
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
(Membro Interno)

Profº. Drª. Claudia Maria da Silva Lourenço Melo
Faculdade de Petrolina - FACAPE
(Membro Externo)

SUPLENTES

Profª. Dra. Dinani Gomes Amorin
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
(Suplente Interno)

Dr. Ícaro Cardoso Maia
Universidade do Vale do São Francisco- UNIVASF
(Suplente Externo)

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus.
A minha mãe, companheira de todos os momentos e a família que recebi ao nascer e aquela que adquiri ao longo da vida, que são os meus amigos.

Reafirmo a minha gratidão profunda a minha mãe Vanda de Araújo Gila, meus familiares que me ajudaram nessa jornada e aos meus amigos: Ana Karla Pereira, Dinoelma da Silva Moura, Deise Cristiane do Nascimento, Lilian Pinto da Silva Santos, Luane dos Santos Simplício, Jamile Ferreira Marques, Andreia da Fonseca Araújo, Rosilene Almeida da Silva, Juscelita Rosa Soares Ferreira de Araújo, Ricardo Carvalho, Luciano Lugori, Ruth Brasil Mesquita, Elisângela de Souza Santos, Washington da Encarnação Bacelar e Eliane dos Santos Souza e Silva. Vocês meus amigos, são anjos de luz na minha vida.

Agradeço imensamente ao meu orientador Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos, que aceitou me orientar nessa jornada e que me acompanhou nessa trajetória.

Epígrafe

À semelhança de uma borboleta que se esquiva da rede do cientista, escapando no último momento, exatamente quando parecia que ia ser apanhada, também a alma se esquiva de todas as tentativas de ser aprisionada em nossa rede de palavras.

Sanford

Apresentação. x

Resumo xi

Abstract.....xi

Introdução. 12

Proposição. 14

Artigo1: Análise do conceito de alma na visão de Goswami, Jung e Marques e suas implicações para o campo da ecologia humana.....15

Artigo 2: A alma e a física quântica, para além do paradigma clássico. 25

Artigo 3: Aspecto numinoso da alma.....36

Referências 54

Em toda a História da Humanidade há registros da crença na existência da alma. Sabe-se que, embora vista com conotações diversas, em diferentes partes do mundo, esta crença movia povos e mentes em busca de respostas para os questionamentos humanos. Por outro lado, a Ecologia Humana sustenta-se a partir de concepções científicas e se apresenta de forma empírica como um campo de descobertas indispensáveis à formação e desenvolvimento humano. Desse modo, apresenta-se como um âmbito indispensável à construção de saberes relativos ao conceito da alma, revelando os modos como o ser humano transcende o ambiente físico para buscar um encontro consigo e com a divindade.

Esta pesquisa é uma proposta de Conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, pela Universidade do estado da Bahia, cuja investigação se dá em torno do tema, "Visão científica da alma e suas implicações para o campo da Ecologia Humana".

Destaca-se, a importância da noção do espírito/alma como aspecto relevante dentro do ramo científico da Ecologia Humana, sem perder de vista que ela "surge, assim, da necessidade de produzir conhecimento para compreender a relação do homem com o seu ambiente, para responder à interrogação de qual o seu lugar na natureza", como afirmam Pires e Craveiro (2011).

Tendo em vista que a Ecologia Humana compreende um estudo sobre o comportamento humano frente aos aspectos econômicos, sociais e psicológicos, buscou-se a fundamentação desta pesquisa em preceitos sustentados na correlação do conceito de alma na visão dos autores Goswami, Jung e Marques, verificando as suas implicações para a Ecologia Humana, de modo a contribuir, também, para novos estudos, disponibilizando informações e saberes sobre o objeto em questão.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o conceito de alma na visão de Goswami, Jung e Marques e suas implicações para o campo da ecologia humana. Realizou-se um estudo preliminar, a fim de facilitar a familiarização com os conceitos e, logo em seguida, foi definida com maior precisão a delimitação do assunto. A pesquisa ancorou-se nas fontes bibliográficas dos autores Goswami, Jung e Marques e, logo após, foi realizado uma busca por indexação no banco de dados da *Scielo,* a partir das as palavras-chave: Alma, Física, Ecologia Humana e Psique, escolhidas para captura dos artigos ou periódicos equivalentes ao estudo, desenvolvendo a leitura interpretativa dessas fontes bibliográficas, a fim de conferir significado do objeto de pesquisa de forma ampla, crítica e significativa. Por fim, como especifica Marques, a alma é de suma importância para Ecologia Humana e desconectá-la dos seres vivos e humanos é infringir e excluir o sujeito de direito que vive e respira as tradições de seus antepassados, por isso, nos resultados esperados, pretende-se evidenciar as crenças que resultam dos aspectos vivenciados em grupos organizados, com foco nas práticas que apontam a necessidade humana de transcendência e percepção da consciência da imortalidade da alma.

Palavras-chave: Alma. Física quântica. Ecologia Humana. Psique

Abstract

This research aims to expand knowledge about the concepts of the soul, recognizing its existence to place it in Human Ecology. A preliminary study was carried out in order to facilitate familiarization with the concepts and, shortly thereafter, the delimitation of the subjectwas more precisely defined. The research was anchored in the bibliographic sources of the authors Goswami, Jung and Marques and, soon after, a search for indexing was carried out in the Scielo database, based on the keywords: Soul, Physics, Human Ecology and Psyche, chosento capture articles or journals equivalent to the study, developing the interpretative reading of these bibliographic sources, in order to confer meaning of the research object in a broad, criticaland meaningful way. Finally, as Marques specifies, the soul is of paramount importance for Human Ecology and to disconnect it from living and human beings is to infringe and exclude the subject of law who lives and breathes the traditions of his ancestors, therefore, in the expected results, it is intended to highlight the beliefs that result from the aspects experiencedin organized groups, with a focus on practices that point to the human need for transcendence and awareness of the consciousness of the immortality of the soul.

Keywords: Alma. Quantum physics. Human Ecology. Psyche

Considerar a existência do espírito/alma como aspecto irrelevante dentro da Ecologia Humana é permitir fenomenologicamente que o significado dela seja nulo para o vocábulo humano. Em toda a História da Humanidade há registros da crença na existência da alma, sabe-se que, embora vista com conotações diversas, em diferentes partes do mundo, esta crença movia povos e mentes em busca de respostas para os questionamentos humanos.

No sétimo século AEC, Zoroastro difundiu uma forma de adoração; antes dele, tribos do Irã, faziam oferendas de alimentos e roupas como forma de beneficiá-los no mundo do além; os egípcios, por sua vez, deixaram em papiros supostamente do século XIV, o registro em que, o deus dos mortos Anúbis[1] leva a alma do escriba Hunefer perante Osíris, considerado o principal deus do Além. Foram, porém, Sócrates e Platão, como reformuladores da ideia da imortalidade da alma, que a transformaram em ensino filosófico cujas teorias são revistas até os dias atuais.

Tais experiências revelam fenômenos que os grandes místicos e santos da humanidade relatam. Acontecimentos da crise de emergência espiritual e, não raro, havia a tentativa de ocultar a alma das coisas e da vitalidade que anima e dá sentido à vida. Algumas culturas tradicionais, em experiências transpessoais, falam da "perda da alma". Por conseguinte, eram taxados de loucos por entrarem em contato com o invisível e imaterial. Marques salienta (2012, p. 43) que "louco é aquele que vê o invisível. Nossa cultura só autoriza vê o visível".

Assim, este trabalho parte do método chamado por Goswami de "paradigma invisível", com ênfase no primado da consciência, que também é defendida por outros cientistas como lista Marques.

Amit, por exemplo, defende a premissa da metafísica de que a consciência, e não a matéria, é a base de toda existência, não sendo mais um epifenômeno do cérebro, transcendendo ao universo material. Sabendo não ser possível abordar essa dimensão com os paradigmas clássicos das ciências, sugere um novo paradigma científico para a natureza da realidade. Diz: uma ciência baseada na primazia da consciência. Esse deslocamento pode-se chamar paradigma invisível da ciência. Importante destacar, sobre o que se ousa tocar neste paradigma no campo

[1] Anúbis (em grego antigo: Ἄνουβις) ou Anupo foi como ficou conhecido pelos gregos deus egípcio antigo dos mortos e moribundos, guiava e conduzia a alma dos mortos no submundo, Anúbis era sempre representado com cabeça de chacal, entretanto os egiptólogos mais conservadores afirmam que não há como saber com certeza o animal que o representa, era sempre associado com a mumificação e a vida após a morte na mitologia egípcia, também associado como protetor das pirâmides.

das ciências modernas, seus processos de excomunhão: Carlos Castaneda na Antropologia, Carl Jung na Psicanálise, Fritjof Capra na Física, Roy Bhaskar na Filosofia, entre outros. (MARQUES, 2012, p. 41)

Por outro lado, dialeticamente, a visão material que exorta a matéria como causa de todas as coisas deixou a humanidade fadada pelas inquietações e desesperanças e, antagonicamente, levou acreditar que os homens são seres além da causalidade da matéria.

Diante dessa premissa, buscou-se construir outra possibilidade do paradigma do invisível, como destaca Sheldrake (2014, p. 31), onde "somente o alicerce dessas verdades, sobre a base firme do desespero implacável poderá ser erguida a habitação da alma".

Por essa razão, esta pesquisa teve como objetivo, ampliar o conhecimento sobre os conceitos de alma, reconhecendo a sua existência para situá-la na Ecologia Humana, tendo em vista a vasta contribuição que será deixada para novos estudos e pesquisas a partir de novas informações e os novos saberes construídos sobre o objeto em questão.

O estudo está organizado em três artigos, que têm como metodologia, a pesquisa bibliográfica e destacam o termo alma como critério de delimitação de análise. O primeiro artigo, com o título, Análise do conceito de alma na visão de Goswami, Jung e Marques e suas implicações para o campo da Ecologia Humana, tem como objetivo, compreender as concepções de alma na visão de Goswami, Jung e Marques para situá-las no campo da Ecologia Humana. O segundo artigo, com o título, A alma e a física quântica, para além do paradigma clássico. Este artigo faz uma abordagem sobre os paradigmas da física quântica, na tentativa de perceber se é possível pelos seus postulados, evidenciar a percepção da existência da alma. Tem como objetivo: estabelecer a correlação entre as teorias da física quântica e a existência da alma. O terceiro artigo, com o título, Aspecto numinoso da alma, enfoca a alma na visão da Psicologia analítica e tem como objetivo: compreender a visão da alma, segundo a Psicologia Analítica, para perceber onde ela se situa e atua.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o debate acerca da existência da alma e a sua importância para a individualização dos sujeitos, no contexto da Ecologia Humana.

Espera-se que as teorias aqui destacadas, possam abrir possibilidades para novos estudos, novas inquietações sobre um tema que, intrinsicamente ligado à natureza do ser, é também inesgotável, no que diz respeito à sua existência e transcendência. A alma, que exige o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo para dar ao homem a consciência de ser e estar no mundo, mas, que transcende o meramente material.

ARTIGO 1 publicado na **REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NÚCLEO DO CONHECIMENTO – B3**

Proposição

A percepção da existência da alma pode interferir em uma nova visão para a Ecologia Humana?

ARTIGO 1 publicado na **REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NÚCLEO DO CONHECIMENTO – B3**

ANÁLISE DO CONCEITO DE ALMA NA VISÃO DE GOSWAMI, JUNG E MARQUES E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CAMPO DA ECOLOGIA HUMANA

RESUMO

Esta pesquisa destaca a noção do espírito/alma como aspecto relevante dentro do ramocientífico da Ecologia Humana, na perspectiva de ampliar o conhecimento sobre a relação do homem com o seu meio, com a natureza. Estabeleceu-se como objetivo; compreender as concepções de alma na visão de Goswami, Jung e Marques para situá-las no campo da EcologiaHumana. Ancora-se nas fontes bibliográficas dos autores supracitados. Deste modo, a EcologiaHumana apresenta-se como um âmbito indispensável à construção de saberes relativos ao conceito da alma, revelando os modos como o ser humano transcende o ambiente físico para ir,em busca de um encontro consigo e com a divindade que, por fim, se sustenta a partir de concepções científicas e se apresenta de forma empírica como um campo de descobertas indispensáveis à formação e desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Física quântica; alma; matéria; possibilidade.

ABSTRACT

It is a study about the soul in the view of analytical psychology. Its relevance is in the different connotation that the Psychology of the complexes offers regarding the stereotype and the meaning thatit gives the soul. The research aims to: understand the vision of the soul, according to Analytical Psychology, to understand where it is located and acts. I*n this sense, anima, soul and psyche functionas messenger and guide and both worlds*. The anima, soul or psyche exists in the unconscious. It canbe said that, just like butterflies, which in beautiful free flights, do not allow themselves to be imprisoned, the soul, in its subtleties, does not allow us to explain it only with words.

Keywords: soul, psyche, unconscious, collective unconscious, numinosity.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa destaca a importância da noção do espírito/alma como aspecto relevante dentro da Ecologia Humana. Não considerar a existência da mesma é permitir fenomenologicamente que o significado dela seja nulo para o essencialmente humano. Até porque, há tentativa de ocultar a alma das coisas e da vitalidade que anima e dá sentido à vida. Algumas culturas tradicionais, em experiências transpessoais, falam da "perda da alma". Tais experiências revelam fenômenos que os grandes místicos e santos da humanidade relatam. Acontecimentos da crise de emergência espiritual. Por conseguinte, eram taxados de loucos por entrarem em contato com o invisível e imaterial. Marques salienta (2012, p. 43) que "loucoé aquele que vê o invisível. Nossa cultura só autoriza vê o visível".

No livro Diálogos com Cientistas e Sábios, Sheldrake citado por Weber (1986, p. 99) afirma que existe algo que gerencia intrinsicamente a matéria. Ele chamou de campos morfogenéticos ou campos invisíveis, afirmando que essas "matrizes de toda a forma, evolução e comportamento, podem operar ao longo do tempo e do espaço". É o paradigma do invisível que norteia essas áreas do conhecimento científico. Intuitivamente os cientistas compreenderam a mensagem de Exupéry (2014, p. 70) em que "o essencial é invisível aos olhos".

Este trabalho parte do método, chamado por Goswami de "paradigma invisível", com ênfase no primado da consciência, que também é defendida por outros demais cientistas. Marques, (2012) destaca o trabalho de Amit, que, em consonância com a metafísica, sugere um novo paradigma na abordagem da transcendência, em que, a consciência passa a nortear a ciência. E aponta outros estudiosos que se destacam nas ciências modernas, pelo mesmo caminho do chamado "paradigma invisível da ciência", como: "Carlos Castaneda na Antropologia, Carl Jung na Psicanálise, Fritjof Capra na Física, Roy Bhaskar na Filosofia, entre outros".

O que se vê é que, dialeticamente, a visão material que exorta a matéria como causa de todas as coisas deixou a humanidade fadada pelas inquietações e desesperanças e, antagonicamente, levou a acreditar que os homens são seres além da causalidade da matéria. Diante dessa premissa, buscou-se construir outra possibilidade do paradigma do invisível, como destaca Sheldrake (2014, p. 31), onde "somente o alicerce dessas verdades, sobre a base firme do desespero implacável poderá ser erguida a habitação da alma".

Esta pesquisa, na perspectiva de ampliar o conhecimento sobre a relação do homem com o seu meio, com a natureza, buscou correlacionar o conceito de alma na visão de autores consagrados, desenvolvendo estudos do tema: Análise do conceito de alma na visão de Goswami, Jung e Marques e suas implicações para o campo da Ecologia Humana, e tem como objetivo: compreender as concepções de alma na visão de Goswami, Jung e Marques para situá-las no campo da Ecologia Humana. Portanto, ancora-se nas fontes bibliográficas dos autores supracitados.

Deste modo, a Ecologia Humana apresenta-se como um âmbito indispensável à construção de saberes relativos ao conceito da alma, revelando os modos como o ser humano transcende o ambiente físico, para ir, em busca de um encontro consigo e com a divindade que, por fim, se sustenta a partir de concepções científicas e se apresenta de forma empírica como um campo de descobertas indispensáveis à formação e desenvolvimento humano. Espera-se que este estudo possa contribuir para novas aquisições de conhecimento ao acrescentar novas informações e saberes sobre o objeto em questão.

2 METODOLOGIA

Utilizou-se neste estudo a pesquisa bibliográfica, sendo construída a partir de publicações sobre o mesmo objeto. Respaldou-se no que preconiza Gil (2008), ao explicar que, ainda que, em trabalhos científicos seja imperativa uma pesquisa bibliográfica, há aquelas que são desenvolvidas “exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

Portanto, tendo como base publicações em livros e ou artigos, realizou-se um estudo preliminar a fim de facilitar a familiarização com os conceitos e, logo em seguida, foi definida com maior precisão a delimitação do assunto. Foram exploradas fontes bibliográficas dos autores: Goswami, Jung e Marques, cuja busca foi realizada por indexação no banco de dados da *Scielo*. Nesse mecanismo a pesquisa foi feita por meio da palavra-chave: “alma”, escolhida para captura dos artigos ou periódicos equivalentes ao estudo. Por último, foi feito o processo de leitura interpretativa, conferindo-se significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura crítica. Após o fichamento, para assegurar uma melhor organização lógica, detalhada e sistemática do assunto, procedeu-se à análise criteriosa, para compreender os conceitos de alma, explicitados pelos autores destacados, o que possibilitou perceber a valiosa contribuição dos estudos citados, para a Ecologia Humana. Como etapa final, foi realizada a elaboração da redação do texto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Goswami (2015) alicerça o conceito de alma sob o viés paradigmático espiritualista, em que, a matéria não é a única expressão da realidade. Para ele a consciência e a matéria são uma única coisa. Goswami ainda salienta (2015, p. 45) que "na perspectiva monista idealista, só existe a consciência, ela é a base de toda existência, a única realidade suprema".

A consciência se expressa atemporal e analógica e se comunica com a matéria através da linguagem criativa. Segundo Goswami (2008, p. 45), esse tipo de comportamento pode ser exemplificado, através do exemplo do retrato da *Gestalt*[2] chamado "Minha mulher e minha sogra". Nele, quando uma das figuras superpostas é percebida pelo observador o qual identificou e escolheu entre as possibilidades já preexistentes, ocorre então o colapso.

Outro exemplo clássico da interface consciência e matéria é a experiência da fenda dupla[3] em que a possibilidade quântica é colapsada pela interferência da mensuração, visto que, quando o observador mensura o elétron ele se comporta de outra forma. Neumann (2006, p. 53), para responder sobre qual franja cada elétron atinge numa observação quântica, relata que "a consciência escolhe – nós escolhemos – aonde um elétron vai se manifestar em cada evento".

Goswami entende que existe uma causação descendente[4] que faz os físicos questionarem quem é o protagonista das escolhas. No mundo subatômico os objetos quânticos se espalham como ondas e apresentam facetas múltiplas ao mesmo tempo. Em um dado momento pode ser observada uma faceta, em outro instante, outra diferente. Daí porque somente este evento pode ser calculado por possibilidades.

E, então, Goswami, (2008) justifica a existência de algo (a consciência) que gerencia e interfere na matéria que é e está além do tempo e espaço. Para ele a alma transporta-se, enquanto "potentia", transcende, sem "estrutura localizada".

Este evento escolhe a possibilidade e, quando colapsa, se torna em um evento concreto, ele é descontínuo por apresentar um comportamento não linear, isto é, a consciência ou *potentia* age de modo criativo. Por conseguinte, a alma ou psique, na Psicologia Analítica, também não é linear. A psique em sua totalidade compreende um universo de múltiplas imagens que obedece a uma organização que dá sentido e materializa as execuções primordiais que se expressam por

---

[2] Retrato feito por W. E. Hill onde a pessoa pode ver duas imagens totalmente diferentes na mesma figura. As possibilidades de ver a jovem ou a velha estão dentro da consciência de quem vê, assim como todas as escolhas que fazemos na vida. [3]Experiência de Thomas e Young fundamental para a determinação da natureza quântica na física atômica. [4]Causação descendente é quando um nível mais elevado tem um efeito causal ou influência num nível mais baixo.Um exemplo seria: "a depressão que em mim se instala pode desencadear minha queda imunológica e consequentecrise de psoríase".

meio das imagens. Mas para isto, a psique necessita do corpo para que seu valor imagético possa viver. Segundo (JUNG, 2011, p. 425), A psique é feita de uma série de imagens, no sentido mais amplo do termo, não é, porém, uma justaposição ou uma sucessão, mas uma estrutura riquíssima de sentido e uma objetivação das atividades vitais, expressa através de imagens.

Neste caso quem seleciona as imagens[5] que emergem nas experiências do indivíduo em sua existência? Jung (2008, p. 245) em seus estudos sobre complementariedade dos opostos – inconsciente e consciente – descreve que "cada novo conteúdo que vem do inconsciente é alterado na sua natureza básica ao ser parcialmente integrado na mente consciente do observador".

O estudo sobre a alma sempre despertou curiosidade nos estudiosos. No século XVII, René Descartes afirmava que a sede da alma era a glândula pineal. A supremacia do modelo biológico que deveria explicar a alma. No entanto, outros pesquisadores não estavam em comum acordo com a ideia redutiva de alma ser explicada pela ciência biológica. Jung (2011, p. 314) explica que "se a psicologia moderna pode se glorificar de ter arrancado todos os véus que encobriram a imagem da alma, foram certamente aqueles que ocultavam seus aspetos biológicos aos olhos dos pesquisadores".

Em uma das últimas de suas obras, O Homem e Seus Símbolos (1964), o fundador da Psicologia Profunda amadurece a ideia relativa à complementaridade entre psique e estende uma forte ligação com a física intitulada quântica e com outras áreas do conhecimento.

A psique que para ele, outrora, não poderia ser descrita sob o prisma biológico, agora já dialoga com a biologia face a face. Paoli (citado por Jung, 2008, p. 241) alude que "[...] devido às novas descobertas, a ideia que fazemos da evolução da vida requer uma revisão, levando-se em conta a área de inter-relação entre a psique inconsciente e os processos biológicos".

Apesar de esforço da psicologia em investigar a alma em sua singularidade, ela não conseguiu desanuviar o esconderijo da alma, o que implica a numinosidade do símbolo que escapa à nossa compreensão e não pode ser expresso adequadamente em nossa linguagem, por esta razão, sem tradução. Jung esclarece os limites da investigação psicológica, explicando que esta não consegue "arrancar os múltiplos véus que cobrem a face da alma" por ela guardar de

[5] Imagem expressão condensada da situação psíquica como um todo, portanto, inclui elementos tanto da consciência quanto do inconsciente, mostrando que existe uma relação entre os dois sistemas.

forma “inacessível e obscura” “os segredos profundos da vida”. E deixa claro que apesar das tentativas, só no futuro poderá haver possibilidade de desvendar o “grande enigma”. A partir desta lógica, entende-se que falar de alma passa pelo crivo do indizível e inominável. Santana, (2005), esclarece que a alma pela visão da Psicologia Analítica, foge das categorizações e conceituações, justamente, por ser sustentada pela experiência e manifestação.

Por outro lado, tudo que o indivíduo experiencia é psíquico e tem uma tonalidade de realidade. Jung afirmou que a própria dor física é uma reprodução psíquica que foi experimentada pelo indivíduo. Do mesmo modo, Bateson (1986) acredita que as formações de imagens são inconscientes e que as tais eram percebidas através do esforço consciente do comando dos órgãos do sentido. Tal processo aduz que os órgãos do sentido são um veículo de expressão de algo mais implícito e não objetivo. Neste sentido, Bateson (1986, p.38) exemplifica que “até mesmo a dor é, certamente, uma imagem produzida”.

E por esta razão, Jung, (2011), asseverava que a psique é uma entidade real e também a única realidade imediata. E que essa realidade somente poderia ser de natureza psíquica. Por conseguinte, destaca que, a “experiência imediata” é “de ordem psíquica”, assim como, “a realidade só pode ser de natureza psíquica”, para ele “o homem primitivo considera os espíritos e os efeitos mágicos com o mesmo concretismo com que julga os acontecimentos físicos”.

A noção de realidade para a psique do homem primitivo era difusa e se misturava às experiências imagéticas e tangíveis, nesse caso, a natureza e a psique confundiam-se e perdiam as fronteiras e dicotomias. Sendo assim, não haveria razão para interpretá-la sob a égide da cognição. Santanna (2005) chama a atenção ao questionar sobre o estudo da psique, considerando que o estudo, seja pelo comportamento, seja pela cognição, seria reduzido à uma estrutura harmônica e limitada sem que houvesse expressão do ser no conhecimento de si mesmo.

Por outro lado, há quem defenda, no campo epistemológico, a correlação entre psique e natureza em um universo mais amplo do que se imagina. Capra (1988), faz alusão ao pensamento de Bateson ao explicar que entre natureza e mente há um reflexo recíproco e que estas são unidade.

Para Canevacci (2001), a mente não é restrita apenas ao ser humano, mas é parte de “cada unidade imanente no grande sistema biológico: o ecossistema”. O padrão que une estabelece uma dimensão bem maior do que as relações no campo do biológico e do social. As

tradições do *Zen budismo*[6] trabalhando com *koans*[7] através dos paradoxos, tinha a finalidade do iniciado perceber o padrão que une. Deste modo, a lógica não era a via de interpretação dessa experiência. Sobre isso, Capra (2017) assevera que a totalidade dos ensinamentos budistas – e, de fato, todo o misticismo oriental – gira em torno desse ponto de vista absoluto que é alcançado no mundo do *acintya*, ou do "não pensamento". Neste sentido, esclarece que, "a unidade de todos os opostos torna-se uma experiência vivida". Nas palavras de um poema Zen, ao entardecer, o galo anuncia a madrugada; à meia noite, o sol brilhante (CAPRA, 2017, p.155).

Também o "padrão que une" encontra ressonância na Psicologia Analítica a partir do significado etimológico do que é símbolo (no sentido de é "aquilo que une"). Faz parte da natureza da energia psíquica o aspecto unificador do símbolo e sua relação com a consciência e o inconsciente. Grimberg (2003, p. 104) sinaliza que "[...] o símbolo liga as partes do sistema consciente-inconsciente, sendo o elemento primordial para compreender a maneira como ambas se comunicam".

A alma e a ecologia também têm um padrão que une. Todos os seres orgânicos estão envoltos numa rede onde a força da alma da terra central une a todos e prover a vitalidade a cada ser, assim pensam os povos que nutrem os saberes ancestrais. Marque, (2012), instiga: a alma da ecologia da Terra seria a energia que põe em operação os diferentes sistemas da Natureza? E em seus questionamentos permite que se reflita sobre os povos primitivos para compreender se, ao voltarem-se para suas raízes, percebiam que estavam em "um planeta vivo" e interagiam com as diversas inteligências, e que nas relações constituía-se "A Grande Alma da Terra (Gaia)". Marques avança e em suas inquietações, quer situar esse fenômeno e questiona quanto a natureza do mesmo, se é "essencialmente biogeoquímico, metafísico, psíquico?"

Além disso, a alma dialoga com a ecologia quando pode ser definida como parte ou integrante das relações entre a vida, os seres e o Ekos. Por isto, a grande morada onde vivemos e existimos é uma realidade mais valorizada e vislumbrada por aqueles que vivenciam o pertencimento da vida com Gaia. Em suas experiências visionárias da visão sistêmica da vida onde tudo integra e respeita.

---

[6] O *Zen* vem da palavra sânscrita que significa meditação, *dyhãna (que evoluiu do* ch'nan em Chinês *e Zen* em Japonês*).* A meditação é um tema central no *Zen,* ou *zazan (literalmente,* 'sem sentido"). Pode-se meditar sobre um *Koan* ou, simplesmente, ou sentar-se com atenção consciente concentrada e sem ajuda externa.

[7]Um *Koan* é tradicionalmente expresso como diálogo entre um estudante *Zen* e um mestre *Zen. Alguns Koans* são baseados por questões feitas por importantes estudantes *Zen* na China antiga. Outros são tirados de questões colocadas por um mestre *Zen* a fim de estimular ou despertar a compreensão do estudante.

Na sua narrativa, (KOPENAWA, 2015), esclarece para seu povo que "na floresta, a Ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, os xapiri (espíritos), os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo que veio à existência na floresta".

Nesse sentido, Marques assevera a hipótese da Alma da Ecologia e, ao mesmo tempo, destaca que o Planeta tem um Espírito (Gaia). A alma, neste caso, não se reduz a um fenômeno das crenças religiosas. O seu sentido se expande pelo viés das relações das partes com o todo. Batson, citado por Marques, (2012, p. 58) diz *"en otras palavras, la teoria del espíritu aquí presentada es 'holística', y, como todo holismo sério, tiene como premissa la diferenciación e interacción de las partes".*

A história etnocêntrica conta a exploração dos povos tradicionais no Brasil e descreve a justificativa dos europeus que levantavam a bandeira escravocrata dos povos nativos e africanos, os quais eram vistos como sem alma, por esta razão, os marginalizados tupiniquins e africanos não tinham o direito à liberdade e opinião. Marques (2010), vale-se de Boaventura para reafirmar que a vida dos humanos era vista pela "existência" de "seres de almas" e inexistências dos "seres sem-alma". E isso é determinante ao pensamento ecológico contemporâneo".

A morte da alma ocorreu quando a ideia da supremacia decidiu marginalizar a identidade de um povo. Imprimiu uma força que coibiu a consolidação de crenças e valores do grupo social das etnias com o objetivo de anuviar a ideia e a representação de um povo em sua singularidade.

A justificativa de que os povos indígenas não possuíam alma serviu para ocultar as consciências culposas das atitudes desrespeitosas. Assim, a ideia que o índio não tinha alma foi uma estratégia do colonizador. Ele aproveitou dessa crença inverossímil em detrimento de uma atitude de alteridade que é verossímil. Foi o que levou Joseph Golbbels, ministro da propaganda da Alemanha nazista, a divulgar "repita uma mentira mil vezes que ela se torna uma verdade".

A alma dos índios ainda não é legitimada e os protagonistas desse enredo repetem o mesmo comportamento de outrora. Pode–se citar, por exemplo, a pesquisa de doutorado de Juracy Marques sobre os impactos das hidrelétricas sobre os povos indígenas da Bacia do rio São Francisco. Segundo o autor, a ambiência dos encantados espíritos foi dizimada. As cachoeiras, que eram consideradas pelos nativos como locais sagrados, foram sacrificadas. Por isto, se entende que os impactos são de ordem não material e, por sua vez, o índio deveria ser reconhecido como sujeitos de voz. Marques (2016) sustenta que [...] "além da mensuração de

aloração no campo jurídico-formal da dimensão material, a destruição da vida dos espíritos tem que ser pensada na estrutura do direito" e defende ainda que "os espíritos também são sujeitos de direito".

Negar o direito do sujeito de direito, quando expulsa do seu habitat sagrado e impede que o mesmo se relacione com as deidades, espíritos, almas ou encantados é o mesmo que cortar o cordão com a natureza e com a dimensão espiritual. Como podem os encantados e orixás terem acesso às suas moradas? E como pode se estabelecer um vínculo entre homem, alma encantados e o meio ambiente? Marques (2016) diz que "nas tradições indígenas cultivam-se os encantados, também os espetos sagrados da natureza. Não dá para compreender a dinâmica ecológica desses grupos sem passar pela dimensão da espiritualidade".

Sob essa ótica, a percepção da existência da alma legitima e autoriza o respeito que se dá ao entorno do meio ambiente e fortalece o conhecimento das antigas gerações humanas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alma em sua subjetivação tem sido objeto de estudo no campo interdisciplinar. Vê-se tanto nos estudos antropológicos, como na Psicologia Transpessoal, Psicologia dos Complexos, como também nos estudos do físico Goswami. Por esta razão, encontrou-se motivação para analisar este conceito pela ótica do referido autor e por outros dos campos supracitados, especialmente Jung e Marques.

Deve-se considerar a forte influência do paradigma dominante que nega a possibilidade da existência da alma sob a égide da filosofia materialista. Nesse ínterim, a física começa a estudar o campo das possibilidades e põe em questionamento todas as verdades consolidadas pela ciência clássica.

É importante frisar a relação direta entre a alma e a Ecologia, pois o *Ekos*, que é a nossa casa, abriga a humanidade que é constituída de seres vivos. Estes mesmos são organismos vivos e estão conectados com o todo. Do mesmo modo, a Psicologia Profunda entende que alma também tem um significado para o trajeto da individuação do ser e, ao mesmo tempo, compreende que ela tem uma base de ordem biológica, que, por sua vez, tem uma inter-relação com a vida.

Por fim, a alma é de suma importância para a Ecologia Humana e desconectá-la dos seres vivos e humanos é infringir e excluir o sujeito de direito que vive e respira as tradições de seus antepassados.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL Joseph, **As máscaras de Deus.** Tradução de Carmen Fischer. 9. ed. São Paulo: Palas Athenas, 2011.

CAPRA Fritjof**. O tao da física uma análise dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental.** São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

CAPRA Fritjof. **Sabedoria incomum** São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

EXUPÉRY S. Antoine, **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Participações S/A, 2014.

FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias da personalidade.** São Paulo: Editora HARBRA, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOSWAMI, Amit**. A janela visionária um guia para a iluminação por uma física quântica.** São Paulo: Cultrix, 2006.

GOSWAMI, Amit**. Evolução criativa uma resposta da nova ciência às limitações da teoria de Darwin.** São Paulo: Aleph, 2015.

GOSWAMI, Amit. **Física da alma**. São Paulo: Aleph, 2015.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

JUN, G. C. **A natureza da psique.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

JUN, G. C. **O homem E seus símbolos.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da alma.** Petrolina/PE: Gráfica Franciscana, 2012.

MARQUES, Juracy**. Ecologia do Espírito.** Paulo Afonso/BA: Editora SABEH, 2016.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio. **Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da Psicologia Analítica.** Psicol. USP [online]. 2005, vol.16, n. 3, pp.15-44. ISSN 0103-6564. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200003.https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642005000200003 Acesso em: 24 de set. de 2020.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogmas:** A nova Revolução cientifica e o fim do paradigma materialista. São Paulo: Cultrix, 2014.

SILVEIRA, da Nise. **Vida e obra de Jung**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2007.

A ALMA E A FÍSICA QUÂNTICA, PARA ALÉM DO PARADIGMA CLÁSSICO.

Ricardo Luiz Araújo Gila
Mestrando do Programa de Pós-
Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental,
UNEB, Juazeiro, BA, Brasil.
E-mail: ricardogila@bol.com.

Juracy Marques dos Santos*
Pós Doutorado em Ecologia Humana na Universidade
Nova de Lisboa (UNL-Portugal), professor titular do mestrado e
doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana
e Gestão Socioambiental,
UNEB, Juazeiro, BA, Brasil.
E-mail juracymarques@yahoo.com.br
*Autor para correspondência

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem sobre os paradigmas da física quântica, na tentativa de perceber se é possível pelos seus postulados, evidenciar a percepção da existência da alma. O escopo da pesquisa prima por estabelecer aproximações entre a física quântica e a existência da alma. Utilizou-se, a abordagem qualitativa de natureza analítica, com o estudo teórico a partir da pesquisa bibliográfica, tendo como fontes, publicações em livros de acervos particulares, especificamente, de reconhecidos teóricos da física quântica, selecionados por meio das palavras-chaves: alma, física quântica, matéria e possibilidade, incluindo-se os que tiveram suas datas de publicações entre 1982 a 2017. Neste estudo, inicia-se um diálogo entre as mecânicas clássica e quântica. Ambas com discursos opostos e particulares a respeito da matéria. O materialismo partia da premissa de que a matéria é real. Por outro lado, a visão da mecânica quântica, não enxerga a matéria como protagonista. Sendo assim, a matéria opera através das probabilidades e de eventos de possibilidades. No paradigma da mecânica quântica o terreno da possibilidade abre caminho para se pensar o que é realidade. É possível neste paradigma investigar a alma que similarmente é imperceptível aos nossos olhos e *pari passu* pode ser uma possibilidade na existência humana. O paradigma da física moderna apresenta uma nova possibilidade de perceber a natureza sobre outro enfoque. Esta teoria é capaz de apresentar um novo conteúdo experimental relativo a não localidade. É necessário que no presente momento o *stabelichment* permita que outros estudos possam ventilar mais pesquisas nessa dimensão. Por entender, que não é possível saber antecipadamente qual é a correta.

Palavras-chave: física quântica; alma; matéria; possibilidade.

ABSTRACT

This article makes an approach on the paradigms of quantum physics, in an attempt to understand whether it is possible by its postulates, to evidence the perception of the existence of the soul. The scope of the research strives to establish approximations between quantum physics and the existence of the soul. The qualitative approach of analytical nature was used,

with the theoretical study based on bibliographic research, having as sources, publications in books of private collections, specifically, of recognized theorists of quantum physics, selected through the keywords: soul, quantum physics, matter and possibility, including those that had their publication dates between 1982 to 2017. In this study, a dialogue between classical and quantum mechanics begins. Both with opposing and particular discourses about matter. The Materialism started from the premise that matter is real. On the other hand, the vision of quantum mechanics does not see matter as a protagonist. Thus, matter operates through probabilities and events of possibilities. In the paradigm of quantum mechanics, the terrain of possibility opens the way to think what is reality. It is possible in this paradigm to investigate the soul that is similarly imperceptible to our eyes and pari passu may be a possibility in human existence. The paradigm of modern physics presents a new possibility of perceiving nature from another focus. This theory is able to present new experimental content related to non-locality. It is necessary that, at the present time, stabelichment allows other studies to be able to ventilate more research in this dimension. By understanding, that it is not possible to know in advance which is the correct one.

Keywords: Quantum physics, soul, matter and possibility.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz uma abordagem sobre os paradigmas da física quântica, na tentativa de perceber se é possível pelos seus postulados, evidenciar a percepção da existência da alma. Nesta perspectiva, alguns questionamentos foram levantados: O que aproxima a física quântica da crença na existência da alma? A física quântica pode contribuir para a comprovação da existência da alma? Sendo assim, tem-se como objetivo: Estabelecer a correlação entre as teorias da física quântica e a existência da alma. A relevância deste estudo justifica-se pela escassez de discussões, em artigos científicos, relativas à conjunção alma e física quântica.

Neste trabalho, inicia-se um diálogo entre as mecânicas clássica e quântica. Ambas com discursos opostos e particulares a respeito da matéria. A primeira afirma que a matéria é tangível e que tudo é matéria e, por sua vez, pode oferecer explicação para as coisas. O discurso é oriundo do materialismo que partia da premissa de que a matéria é real; logo, tudo que existe é matéria ou dependente dela. Neste sentido, a alma foi substituída pela mente ou cérebro. Por outro lado, a visão da mecânica quântica não enxerga a matéria como protagonista. A matéria não podia ser mais entendida como pilar de um construto reducionista. Sendo assim, a matéria opera através das probabilidades e de eventos de possibilidades.

No paradigma da mecânica quântica o terreno da possibilidade abre caminho para pensar o que é realidade já que a matéria é constituída de vazio. “Esse vácuo que é imaterial e ‘imperceptível”. É a linguagem da possibilidade que leva a física quântica a ser norteada pela

incerteza já que os eventos quânticos existem no campo das possibilidades. É possível neste paradigma, investigar a alma que similarmente é imperceptível aos nossos olhos e *pari passu* pode ser uma possibilidade na existência humana.

Historicamente, até o século XIX, a física clássica em seus postulados acreditava que os átomos eram a base sólida, permanente e definitiva da matéria. Esse pensamento clássico da física afirmava que os corpos matérias continuavam a existir no mesmo lugar para sempre ou continuavam a se mover perpetuamente em uma trajetória retilínea. Porém, no século XX, ficou evidente que o átomo não era a representação redutiva da matéria e que não poderia prever a parte mínima da matéria. Ademais, o comportamento das partículas ora registrava como partícula, em outro instante era onda, sem contar que sua trajetória não era linear, não local, que contrariava o tempo e o espaço.

O paradoxo partícula/onda exigiu um conceito que justificasse a nova maneira de olhar o comportamento partícula/onda. Deste modo, surge o Princípio da Complementaridade, onde onda e partícula são possibilidades, pois não têm certeza do que podem ser em dado instante. Assim, a base que sustentava o modelo do átomo desmoronou. A ciência foi forçada a refletir sobre o reducionismo da época.

O escopo da pesquisa prima por estabelecer como os conhecimentos da física quântica podem explicar a existência da alma, respondendo ao problema levantado: a física quântica permite comprovar a existência da alma? Para referendar a pesquisa alusiva à existência da alma, busca-se a fundamentação teórica e filosófica do paradigma da física quântica para entender com mais precisão conceito de alma em uma visão não dualista. Ou seja, alma e matéria não antagônicas. Afirma Goswami (2012, p. 207), os trabalhos científicos, contudo, consistem em trabalhos realizados sob a égide de um paradigma. Portanto, se entende a física quântica como referência paradigmática que sustenta ou dar suporte para esta pesquisa.

2 METODOLOGIA

Para Koche (1997, p.122) a pesquisa bibliográfica tem como objetivo: “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa.” Desse modo, utilizou-se, neste artigo, a abordagem qualitativa de natureza analítica, com o estudo teórico a partir da pesquisa bibliográfica, tendo como fontes, publicações em livros de acervos particulares, especificamente, de reconhecidos teóricos da física quântica, selecionados por meio das palavras-chaves: alma, física quântica, matéria e possibilidade, incluindo-se os que

tiveram suas datas de publicações entre 1998; a 2019.

Na perspectiva de pesquisa de ação, buscou-se levantar as informações pertinentes ao tema, para compreender os conceitos de: alma física quântica, matéria e possibilidade, e assim, dar sustentação aos argumentos contidos neste artigo, no que diz respeito à existência da alma.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Emerge no século XX uma nova visão paradigmática que percebe a ciência de uma formanão redutiva para entender determinados fenômenos que ainda não podiam ser explicados peloparadigma mecanicista. O que levou Goswami (2008, p. 22) a asseverar a tendência do foco materialista do século XVII e o surgimento no final do século XX da ciência que explora o terreno espiritual, até então, marginalizado. Comenta Capra (2017, p. 29) que a investigação da física moderna, no século XXI, tem questionado o modelo clássico e *pari passu* instiga uma revisão radical de inúmeros de nossos conceitos básicos.

Em comum acordo Sheldrake (2013, p. 23), enfatiza que um dos paradoxos da ciência do século XXI foi que a teoria quântica ocasionou uma mudança revolucionária de perspectiva na física, a ponto de revelar os limites da abordagem reducionista [...].

O materialismo filosófico criado por pensadores franceses ventilava a ideia de que o homem era uma máquina e negava a existência da alma. Por outro lado, Wilhelm Ostwald e Ernst Mach contra-argumentam que espírito e matéria são apenas formas da energia que constituem a realidade. Nesse sentido, havia divergências entre as correntes do pensamento filosófico materialista. Assim como, ressalta Sheldrake (p 222: 2013), o materialismo nega, a priori, a existência de qualquer agente causal material [...].

Destarte, o paradigma reducionista estava calcado na explicação de que tudo poderia ser explicado pela matéria. Sheldrake (2013, p. 221), comenta que o discurso do materialismo partia da premissa de que a matéria é real. Logo tudo que existe é matéria ou dependente dela. Completa Capra (2014, p. 49) “a ciência mecanicista defende a ideia que não havia propósito, nem vida, em espiritualidade na matéria”.

Em contraponto, Zohar (1982, p. 172) ratifica a matéria per si não é essencialmente material. Partindo desse princípio, Goswami (2008, p. 23),acrescenta que a ciência postula que todos os fenômenos são de coisas formadas por matéria. Em comum acordo, Capra (2017, p. 30), comenta que o conceito de matéria na física modernadiverge da física clássica, que se apoia em uma substância material. Por isto, Bohm (2008, p. 87) pontua, “[...] não tem como nos

oferecer um conceito de matéria no domínio quântico que seja definitivo, exclusivo e livre de ambiguidades".

Em oposição, o novo paradigma baseia-se no primado da consciência. É o que defende Zohar (1982, p. 172), quando afirma que a consciência é o epifenômeno na determinação dos resultados de experiências realizadas no estudo dos eventos quânticos. Da mesma forma categórica de entender, Weber (1986, p. 158) sinaliza que a [...] consciência, ou campo de significação, é o elemento primordial que se precipita como matéria.

Consonante com esta assertiva, Goswami (2015, p. 63) enfatiza que a consciência é à base de toda existência, pois tudo, inclusive a matéria, é feito de consciência. Éo que salienta Prigogine (1988, p. 157), quando mostra a consciência como a única realidade. E Bergson (1999, p. 258), complementa ao ratificar que a matéria [...] é como uma consciênciaem que tudo se equilibra se compensa e se neutraliza [...].

Com base nas afirmativas supracitadas, pode-se defender que a física quântica descreve o comportamento das partículas. Tal fenômeno confere uma singularidade que outorga um poder inesperado e numinoso ao universo das subpartículas. A matéria tem natureza de onda e partícula não localizada, por sua vez, os físicosquestionaram esse paradoxo. A matéria como onda não é localizada e se comporta de forma dispersa ou aleatória capaz de estar em vários lugares ao mesmo tempo e como partícula tem trajetórias bem definidas.

Por conseguinte, os cientistas desenvolveram um novo modo de pensar – o modo do quantum. O que levou Max Planck a entender que a energia não era infinitamente redutível e que havia um valor mínimo emanado. A esses valores irredutíveis deenergia chamou-se de quanta.

Ao pensar desta forma, Goswami (2008, p. 25) admite que, assimcomo a luz tem uma natureza de partícula além da natureza de onda, a matéria também apresenta essas mesmas representações de comportamento (partícula/onda). Este paradoxo somente é resolvido quando se percebe que as ondas da matéria são ondas de possibilidades.

Acrescenta, Zohar (1982, p.159), que o Princípio da Complementaridade preconiza que a onda e partícula são possibilidades, pois não tem certeza de estar lidando com elétron ou com uma partícula. E Capra (2016, p. 75), assevera, quanto maior damos importância a um aspecto de nossa descrição, mais o outro se torna incerto e a relação precisa entre os dois é dada pelo princípio da incerteza.

O que impulsiona Goswami (2008, p. 26), a acreditar que a mecânica quântica opera pela probabilidade para analisar a probabilidade de cada possibilidade em eventos

dinâmicos. Acrescenta Capra (2016, p. 41), os padrões de probabilidades não representam probabilidades de coisas, mas sim, probabilidades de interconexões. Com esta premissa, a mecânica quântica permite conferir sentido às probabilidades.

Deste modo, a probabilidade permite a incerteza e indeterminação. Por conseguinte, Zohar (1982, p. 200), "[...] confirma, nonível quântico, que os modelos de comportamento tendem a desenvolver possibilidades tão amplas que rapidamente dão lugar às probabilidades."

O que se constatou no experimento do colapso de função de onda e o que se chama de realidade é na verdade algo probabilístico. Portanto, não se pode perguntar onde está uma partícula em determinado momento. Pode-se perguntar qual a probabilidade de a partícula estar em certo local. Nessa linha, Goswami (2008, p. 26) reafirmou que não se pode mais conhecer o paradeiro de um objeto com certeza.

Outra área da ciência, em que, alguns pesquisadores e cientistas compartilham e comungam da probabilidade e não localidade é a neurociência. De modo que, o cientista Davidson (2013, p. 38), chega a comparar a localização não precisa de uma partícula com a não precisão do locale do momento fugaz da atividade cerebral em um exame de neuroimagem.

Da mesma forma, pontua Goswami (2009, p. 221), "os neurofisiologistas tentam em vão, decifrar os estágios do processamento de um estímulo pelo cérebro. [...] eles podem fazer a análise de um trecho, mas,depois de tudo, fica embaralhado". A neurociência permanece na maior parte no paradigma da localidade. Desse modo, o corpo é o agente protagonista e a consciência está circunscrita e reduzida no cérebro.

Capra (2005, p. 49), argumenta, embora muitos concordem que mente e cérebro tenham algo a ver, ainda não há consenso geral quanto à natureza exata dessa relação. Sendo assim, Goswami (2009, p. 221) reafirma "no momento a neurociência contribui somente para o modelo cognitivo- behaviorista da psicologia". Por outro lado, existe outra maneira nova de ver na ciência. Por isto, existem estudos que primam pelos mesmos fenômenos, sob o prisma não local.

Por exemplo, o estudo das ondas cerebrais e meditação. Nesse estudo descobriu-se que a onda cerebral na meditação vai além dos estados da consciência (vigília, sono e sono profundo). Nesse sentido o cérebro funciona holograficamente em um estado não usual da consciência. Sua resposta de escolhas e possibilidades tem como agente protagonista a consciência que decide, opta e interfere nas escolhas das possibilidades.

> A ideia revolucionária mais recente é que nosso cérebro evolve processamento quântico em todos os casos de observação em que esta seja uma mensuração quântica. O cérebro responde a um estímulo apresentando um conjunto de

> possibilidades quânticas macroscopicamente destituíveis (uma onda de possibilidades) e uma delas precipita como um evento experimentado quandoa consciência assim o decide. (GOSWAMI, 2008, p.28.)

A matéria, explicada pelo prisma da física quântica, apresenta comportamento transcendente. Pode-se citar, a exemplo, o entrelaçamento quântico que permite que dois ou mais objetos estejam de alguma forma tão ligados que um objeto não possa ser corretamente descrito sem que a sua contraparte seja mencionada. Estas fortes correlações fazem com que as medidas realizadas numa delas pareçam estar a influenciar instantaneamente a outra com a qual ficou entrelaçada, e sugerem que alguma influência estaria a propagar-se instantaneamente, apesar da separação entre eles. Para Goswami (2015, p. 28), "os objetos quânticos correlacionados apresentam características de não localidade, isto implica a transcendência e desta forma, ultrapassa um domínio tempo e espaço".

Para Zohar (1982, p 170), "no gênero de relacionamentos não locais, de ação à distância, não existe nem tempo nem espaço". Dito de outra forma não existe distância entre lugares e/ou distância entre momentos. Em quaisquer casos, a distância é substituída pelo relacionamento.

Uma partícula quântica existe numa onda de probabilidade até o momento em que é observada, ou seja, quando é realizada uma medição em uma das suas propriedades. Daí porque Goswami (2008, p. 28) destacou que a possibilidade não tem menos valor do que a realidade. E que o potencial pode ser mais real do que aquilo que é manifestado, a primeira está no domínio atemporal e a segunda é meramente efêmera: ela existe no tempo.

Em conformidade, Prigogine(2003, p. 63), enfatiza que o possível é "mais rico" do que o real. É o que Zohar (1990), ratifica, com a ideia de que a função de onda cria múltiplas possibilidades de realidade e quandoobservada colapsa e apenas uma destas potencialidades de realidade vira, de fato, realidade. É também, o que fez Sheldrake (2014, p. 131) acreditar "toda realidade é um momento de experiência. Quando expira e se torna um momento passado, é sucedido por um novo momentode agora, um novo sujeito de experiência".

Desse modo, a não localidade por ser uma possibilidade em um dado de experiência imaterial, não pode ser considerada uma realidade inverossímil. Apresenta uma característica atemporal e uma expressão numinosa. É o que Aristóteles chamou de potencialidade e o físico quântico Werner Heisenbering nomeou de domínio da potentia transcendente. Groswami, (2008, p.28), esclarece e estabelece uma comparação entre a experiência concreta e a *potentia.*

> A *potentia* transcendente é a possibilidade de todas as ondas quânticas situam-se em um domínio que transcende tempo espaço [...] A *potentia* pode ser mais

> real do que aquilo que é manifestado, pois, a potentia existe em um domínio atemporal, enquanto qualquer experiência concreta é meramente efêmera: porque ela existe no tempo. (GOSWAMI, 2008, p 28).

Atente-se para as conclusões de Goswami, ao afirmar que corpo físico necessita desse domínio tempo e espaço para poder se expressar, portanto, está em uma dimensão temporal e finita, passageira. Enquanto a *potentia*, não se delimita, extrapola tempo e espaço.

Acrescenta Goswami:

> Aqui, já se pode ver parte da metáfora certa da física quântica da alma. Enquanto o corpo físico, vivo, representa possibilidades que sempre precisam se manifestar como uma estrutura localizada, com inicio finito e término finito, a alma representa possibilidades, *potentia*, sem uma estrutura localizada na manifestação. Como *potentia* transcendental sem a fixação de manifestação local no tempo e no espaço, ela transmigra (ou seja, experimentada não localmente) de existência para outra em um ponto distinto do tempo e do espaço. (GOSWAMI, 2008, p 28).

Como *potentia* transcendental a alma não necessita de manifestar-se no tempo e no espaço, ela transmigra de uma existência para outra. A transcendência de tempo e espaço impressionouEinstein que chamou de ação fantasmagórica à distância (spukhafte fernwirkung), ele procurou a todo custo derrubar o conceito de entrelaçamento quântico sem êxito. O determinismo causalo impedia de perceber a possibilidade como fato real e mais convincente. De tal modo, que o entrelaçamento quântico contrariava o princípio físico da localidade, onde o objeto somente pode ser afetado pelo o que o cerca, e a comunicação dos fótons era mais rápida do que a velocidade da luz.

Na dinâmica corpo e alma, ocorre dessemelhanças dos fenômenos. Neste sentido, as possibilidades de ambas apresentam configurações opostas. O corpo é dimensionado no tempo e finitude embora esteja no campo do manifesto. Já a alma transita pelo campo da atemporalidade. Para Goswami (2008, p. 29), o corpo físico necessita manifestar-se como uma estrutura localizada, na sua expressão finita. A alma representa possibilidades, potencialidades, sem uma estrutura localizada na manifestação local no tempo e no espaço [...] ela transmigra, em uma localidade de algum momento, para outro, em um ponto distinto do tempo e do espaço. Em contraponto, Bergson (1999, p. 259) questiona a visão dualista relativa à ideia ilusória de que há grau de transição possível entre matéria e espírito (alma).

O que intriga e faz questionar a existência do mundo duplo, alma e matéria, e como situá-los no tempo e espaço? Para Prigogine (1988, p. 229) ‘Aristóteles definiu o tempo como o número do movimento na perspectiva do antes e do depois. Essa definição operatória separava

o tempo do devir, colocava *tête à tête* a alma, que conta, que estabelece relações [...]". As descobertas da Física moderna demandaram profundas transformações nos conceitos como espaço, tempo, matéria, objeto, causa e efeito. Na mesma acepção, Sheldrake (2014, p. 131), *apud* Whitehead, considera que a mente e a matéria estão imbricadas em um processo. O tempo, e não o espaço é o segredo dessa relação. E quem dá o significado ao momento (passado, agora e o futuro) é o próprio experimentador.

Por este prisma, a resposta deu-se por um experimento em laboratório. Duas partículas manipuladas de maneira que seus estados quânticos não podem ser descritos independentes. Daí que se segue um disparo a laser em determinado tipo de cristal que faz com o que o fótons disparados se separem em pares entrelaçados e cada um com polaridades opostas viajam para direções distintas e, assim, o feixe inicial é dividido em dois feixes antagônicos.

Nesta perspectiva, o procedimento a rigor e método da física quântica exige que cada par de *fótons* entrelaçados seja descrito por uma função de onda que compreende todos os estadospossíveis de ambas as partículas. Viu-se que na medição de qualquer uma das partículas causou o colapso da função de onda de ambas. Dito de outra forma, quando é medida a propriedade de uma delas seu par instantaneamente revela um valor relacionado à mesma propriedade medida. A esse evento chamamos de entrelaçamento quântico. Goswami em paráfrase (2008, p. 47), "a física quântica oferece uma alternativa – a consciência pode intermediar a interação de dois corpos díspares". Por exemplo: podem correlacionar objetos de maneira que permaneçam interconectados mesmos separados por grande distância.

Entende-se, portanto, que a física quântica reúne experimentos que apontam para algo além da matéria, em si, uma *potentia* que não se delimita no tempo e no espaço e, portanto, transcendesem deixar de interconectar-se com a matéria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradigma da física moderna apresenta uma nova possibilidade de perceber a natureza sobre outro enfoque. Esta teoria é capaz de apresentar um novo conteúdo experimental relativo a não localidade. Além disso, entende-se que este estudo abre caminhos com possibilidades que podem servir de fundamentação paradigmática para estudo metafísico no caso especifico, a existência da alma. Assim, verificou-se neste estudo a possibilidade de investigação da existência da alma, na existência humana, sob o prisma do paradigma da teoria da física quântica.

Deste modo, buscou-se, desenvolver o tema: A alma e a física quântica, para além do paradigma clássico, traçando-se como objetivo: estabelecer a correlação entre as teorias da física quântica e a existência da alma, no intuito de responder ao problema: a física quântica permite comprovar a existência da alma? Utilizando-se a pesquisa bibliográfica, foi possível reunir informações pertinentes ao assunto e apesar deste paradigma emergente na física, apresentar forma incompleta, responde à crítica de que a quântica jamais poderá lidar com qualquer problema experimental real.

Entende-se que as considerações e críticas dadas ao corpo teórico da mecânica quântica, que envolve as variáveis ocultas, podem ajudar a compreender com mais lucidez e evitar o preconceito dogmático, inclusive, porque a física clássica baseia-se na metáfora da máquina, embora seja apenas uma metáfora.

Vê-se que a negação do espírito para os materialistas deixou uma lacuna como também um questionamento. Afirmar que a consciência é uma ilusão não explica a consciência. Assim, ao tentar definir como não real pressupõe uma existência. Por sua vez, a matéria deixou de ser a única coisa real. A própria matéria é vista agora como um aglomerado de espaços vazios. E seu mundo concreto foi preenchido pelo universo subatômico imprevisível, não local e indeterminado.

É necessário que no presente momento o *stabelichment* permita que outros estudos possam ventilar mais pesquisas nesta dimensão, por entender, que não é possível saber antecipadamente qual é a correta. Além disso, o vislumbre das possibilidades da teoria das variáveis ocultas pode assinalar aincerteza das conclusões nos pressupostos de uma dada teoria, independente do seu domínio devalidade. Conquanto a objetividade que propõe a ciência tenha seu real valor, há mais significado em reconhecer a condição da dimensão humana do cientista e suas limitações, do que adotar que a ciência tenha acesso exclusivo à verdade.

Essa pesquisa conseguiu estabelecer uma correlação entre a teoria da física quântica e a alma. Nesse sentido, a *potentia* transcendente é a possibilidade de todas as ondas quânticas, que se situam em um domínio que transcende tempo espaço e a alma representa possibilidades, *potentia*, sem uma estrutura localizada na manifestação. Como *potentia* transcendental sem a fixação de manifestação local no tempo e no espaço, ela transmigra (ou seja, experimentada não localmente) de existência para outra em um ponto distinto do tempo e do espaço.

Ainda assim, pelo modo como foi desenvolvida a pesquisa, o estudo está longe de ser concluído.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOHM , David. **A totalidade e a ordem implicada.** São Paulo: Madras, 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão cientifica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 2016.

CAPRA, Fritjof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas.** São Paulo: Cultrix, 2014.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2005.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação; uma ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 2016.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física. Uma analise dos paralelos entre a física Moderna e misticismo oriental.** São Paulo: Cultrix, 2017.

GOSWAMI, Amit, **Física da alma**; São Paulo: Aleph, 2015.

GOSWAMI, Amit**. Criatividade para o século 21: uma visão quântica para a expressão d potencial criativo.** São Paulo: Aleph, 2012.

GOSWAMI, Amit**. Evolução criativa: Uma resposta da nova ciência às limitações de teoria de Darwin.** São Paulo: Goyo, 2015.

PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabela. **Entre o tempo e a eternidade**. Lisboa: Gradiva 1988.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza.** São Paulo: UNESP, 2003.

SHELDRAKE, Rupert. **Uma nova ciência da vida**. São Paulo: Cultrix, 2013.

SHELDRAKE, Rupert, **Uma nova ciência da vida: hipótese da causação formativa e os problemas não resolvidos da biologia,** São Paulo: Cultrix, 2013.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogmas: A nova Revolução cientifica e o fim do paradigma materialista.** São Paulo: Cultrix, 2014.

ZOHAR, Danah, **Através da barreira do tempo: Um estudo sobre a precognição e a física moderna.** São Paulo: Pensamento, 1982.

ASPECTO NUMINOSO DA ALMA

The Numinous Aspect of the Soul

Ricardo Luiz Araújo Gila*

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em
Ecologia Humana e Gestão Socioambiental,
UNEB, Juazeiro, BA, Brasil.
E-mail: ricardogila@bol.com.br

Juracy Marques dos Santos
Pós Doutorado em Ecologia Humana na Universidade
Nova de Lisboa (UNL-Portugal), professor titular do mestrado e
doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana
e Gestão Socioambiental,
UNEB, Juazeiro, BA, Brasil.
E-mail: juracymarques@yahoo.com.br
*Autor para correspondência

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre a alma, na visão da Psicologia analítica. Sua relevância está na conotação diferenciada que a Psicologia dos complexos oferece a respeito do estereótipo e o significado que se dá a alma. A pesquisa tem como objetivo: compreender a visão da alma, segundo a Psicologia Analítica, para perceber onde ela se situa e atua. Neste sentido, anima, alma e psique funcionam como mensageiro e guia e os dois mundos. A anima, alma ou psique existem no inconsciente. Pode-se dizer que, assim como as borboletas, que em lindos voos livres, não se deixam aprisionar, a alma, em suas sutilezas, não nos permite explicá-la apenas com palavras.

Palavras-chave: alma; psique; inconsciente; inconsciente coletivo; numinosidade.

ABSTRACT

It is a study about the soul in the view of analytical psychology. Its relevance is in the different connotation that the Psychology of the complexes offers regarding the stereotype and the meaning that it gives the soul. The research aims to: understand the vision of the soul, according to Analytical Psychology, to understand where it is located and acts. I*n this sense, anima, soul and psyche function as messenger and guide and both worlds*. The anima, soul or psyche exists in the unconscious. It can be said that, just like butterflies, which in beautiful free flights,do not allow themselves to be imprisoned, the soul, in its subtleties, does not allow us to explainit only with words.

Keywords: soul, psyche, unconscious, collective unconscious, numinosity

1 INTRODUÇÃO

Com o tema: aspecto numinoso da alma, este estudo enfoca a alma na visão da Psicologia analítica. Procurou-se responder aos questionamentos: como a alma é vista pela psicologia analítica? Em que se constitui a numinosidade da alma? Nesta perspectiva, estabeleceu-se como objetivo: compreender a visão da alma, segundo a Psicologia Analítica, para perceber onde ela se situa e atua.

A base desta pesquisa bibliográfica são as ideias de Jung e de pós-junguianos, para destacar a noção de alma e o papel que ela tem na vida das pessoas. Jung (2000, p, 28) esclarece que "a alma humana vive unida ao corpo, numa unidade indissolúvel" e atribui uma ligação entre a psicologia e a biologia, afirmando que "só artificialmente é que se pode separar a psicologia dos pressupostos básicos da biologia". Destaca, porém, que esta verdade gera insegurança à psicologia uma vez que os "pressupostos biológicos são válidos não só para o homem, mas também para todo o mundo dos seres vivos, eles conferem aos fundamentos da Ciência uma segurança que supera os do julgamento psicológico que só tem valor na esfera da consciência." Vê-se que é indissociável a ligação entre processos psíquicos e orgânicos, embora não se possa explicar a alma pela química fisiológica.

Ao colocar a alma como "um reflexo do mundo e do homem" Jung (2000, p. 39) expressa a "complexidade" com que ela, a alma, se apresenta, e traz uma importante contribuição a partir da premissa de que a ideia de alma é tão ampla, rica e antiga quanto se possa imaginar. Com isto, resgatou e trouxe novamente a noção de alma para a Psicologia, permitindo o aprofundamento e um novo olhar acerca deste tema. Ele estabelece a relação do mundo material com o mundo imaterial, estruturado pela própria pessoa que dá sentido a um sistema mais amplo. Para ele, "cada um elabora para si seu próprio segmento do mundo e com ele constrói seu sistema privado para seu próprio mundo, muitas vezes cercado de paredes estanques, de modo que, algum tempo depois, parece-lhe ter apreendido o sentido e a estrutura do mundo".

E no seu argumento, Jung onde se situa a alma, "ora, o finito não pode jamais apreender o infinito. Em-bora o mundo dos fenômenos psíquicos seja apenas uma parte do mundo como um todo, é justamente por esta razão que parece mais fácil apreender uma parte do que o mundo inteiro". Aponta para um sentido maior de percepção através da alma: "Mas deste modo estar-se-ia es- quecendo que a alma é o único fenômeno imediato deste mundo percebido por nós e por isto mesmo a condição indispensável de toda experiência em relação ao mundo".

E, ao esclarecer que "uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsci- ente

na medida em que comprovarmos os seus conteúdos", Jung (2002, p.16) possibilita uma visão do que sejam conteúdos do inconsciente pessoal, "são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica", assim como, define: "os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos." Deste modo, o conceito explicado por Jung contribui para a compreensão do inconsciente coletivo como algo que é de natureza universal.

Para Jung (2002, p.15), o inconsciente pessoal situa-se em "uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal", portanto, denominada "inconsciente pessoal" e "repousa" em outra "camada mais profunda que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo". No intuito de melhor esclarecer, explica Jung, que "o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos" já "os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditaríedade." Para ele, o inconsciente pessoal é constituído "em sua maior parte de complexos", "o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos" (JUNG, 2002, p.53).

Jung, em suas experiências, defende uma relação entre o consciente e inconsciente, que se completam e se tornam uma totalidade, (Self). Por outro lado, nesta perspectiva de mutua complementação, a psique abarca a tensão dos sentidos. Assim, o olhar da psicologia deve contemplar a complexidade humana, contemplando o modo de agir e de existir. Até porque, a psique rege aquilo que somos, o que desejamos ser e em que nos tornamos.

Por outro lado, Franz, (1984, p.24), em sua abordagem sobre Os sonhos e a Morte acrescenta que, "somente quando uma pessoa sabe· em que medida ela é um "ser humano" infinitamente reprodutível no sentido coletivo e até que ponto é limitada enquanto indivíduo é que se pode dizer que se tomou consciente".

Considera-se, pois, de relevância a discussão deste tema, pela importância da informação e conotação diferenciada, que se tem a respeito da Psicologia dos complexos a qual para desmitificar, oferece o estereótipo que exprime o significado que se dá à alma, levando-se em conta que, mesmo com a expansão dos conhecimentos científicos e tecnológicos, que inclusive

desvendaram muitas informações sobre o cosmo, a Psicologia pouco avançou e permanece atre-lada à Filosofia.

Jung, (2002, p. 19) questiona: "Por que é a psicologia a mais nova das ciências empíricas? Por que não se descobriu há muito o inconsciente e não se resgatou o seu tesouro de imagens eternas? Simplesmente porque tínhamos uma fórmula religiosa para todas as coisas da alma - muito mais bela e abrangente do que a experiência direta".

Entende-se que dificilmente ter-se-á resposta absoluta, ainda assim, como parte dos objetivos deste texto é discorrer sobre as características deles, a presente análise destaca novos ângulos, inclusive, quanto à questão identitária dos fenômenos numinosos religiosos, metafísicos, se arquétipos ou não, porém, sem levantar polêmicas sobre quaisquer questões sejam a que ordem elas pertençam.

Vê-se que a Psicologia Analítica, aborda o consciente e inconsciente, com foco nas experiências simbólicas da existência humana, possibilita o olhar amplo sobre determinado ponto em diversos e diferentes aspectos. O que despertou o interesse em saber o que esta poderia elucidar a respeito da alma, ou como é vista a alma para Jung e os demais teóricos da psicologia da imagem.

A alma x Psicologia Analítica

A alma em seus significados converge em um mesmo sentido etimológico e, por sua vez, deu sentido ao logos *Psi* como ciência. A alma *psyché (Ψυχή*) é o princípio vital, o princípio da vida de si mesmo, o sopro da vida e, como o vento, não tem cheiro, não tem cor, é invisível, não podemos tocar. A palavra "alma" na sua raiz grega *psyché* (Ψυχή**)** aparece como decorrente do verbo *psýchein*, soprar, emitir um sopro. Possui também uma conotação na palavra hebraica *nefesh*. Em latim denomina-se *anima* que, em princípio, advinha do sentido de sopro, ar.

Jung, (OC, v. V, p.424, § 752.) explica que, em suas investigações "sobre a estrutura do inconsciente", foi obrigado "a fazer uma distinção conceitual entre alma e psique" e assim, definiu psique, como "a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes" E alma como "um complexo determinado e limitado de funções que poderíamos caracterizar melhor como "personalidade"." Acrescenta que "nosso inconsciente é um sujeito atuante e padecente, cujo drama o homem primitivo encontra analogicamente em todos os fenômenos grandes e pequenos da natureza". Deixa clara, portanto, a relação entre o homem primitivo e a natureza, nos diversos aspectos da vida, complementando que, "os ensinamentos tribais

primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar". Assim, os "conteúdos do inconsciente" são transformados "em fórmulas conscientes", e se tornam "tradição" por meio dos "ensinamentosesotéricos" (JUNG, 2000, p.17).

Como se vê, a partir da forma como a alma fora postulada, a existência do inconsciente põe em cheque as definições construídas até então, passando a ser vista como algo conhecido e ao mesmo tempo desconhecido.

Daí o porquê buscar da mitologia e do arcabouço literário junguiano subsídios complementares para este estudo. O conto da psique de Apuleio retrata bem o drama arquetípico da alma em sua romaria na redenção da individuação.

> Psique, em grego, significa tanto borboleta como alma. Não há alegoria mais notável e bela da imortalidade da alma do que a borboleta, que, depois de estender as asas, do túmulo em que se achava, depois de uma vida mesquinha e rastejante como lagarta, flutua na brisa do dia e torna-se um dos mais belos e delicados aspectos da primavera. Psique é, portanto, a alma humana, purificada pelos sofrimentos e infortúnios, e preparada, assim, para gozar a pura e verdadeira felicidade (BULFINCH, 2001).

Por esta perspectiva, Boechat, (2009), esclarece sobre a importância das relações com o outro*:* "o processo de individuação só pode ser completo com o diálogo com o outro (ajuda externa). A interação com o outro, que vê o processo de fora, favorece e ajuda a contenção do processo de individuação pela consciência." E, assim, situa o ser humano no coletivo, e dá à alma um papel fundamental para a Ecologia Humana. Boechat acrescenta: "o indivíduo sozinho cai frequentemente em sono letárgico, isto é, fica adormecido nas projeções dos conteúdos inconscientes e não consegue o confronto discriminativo eficaz." O individuo só opera transformações na interação com o outro. " Esse outro do conto pode ser personalizado por relacionamentos significativos na vida de cada um ou evidentemente pela figura do seu próprio analista pessoal".

Devem-se distinguir, por assim dizer, três níveis psíquicos, a saber: 1) a consciência; 2) o inconsciente pessoal que se compõe, primeiramente, daqueles conteúdos que se tornam inconscientes, seja porque perderam sua intensidade e, por isto, caíram no esquecimento, seja porque a consciência se retirou deles (é a chamada repressão) e, depois, daqueles conteúdos, alguns dos quais percepções sensoriais, que nunca atingiram a consciência, por causa de sua fraquíssima intensidade, embora tenham penetrado de algum modo na consciência e 3) o inconsciente coletivo, que, como herança imemorial de possibilidades de representação, não é individual, mas comum a todos os homens e mesmo a todos os animais, e constitui a verdadeira

base do psiquismo individual.

No que diz respeito ao princípio metodológico utilizado pela psicologia considera-se conteúdos arquétipos como produtos do inconsciente coletivo. E, de forma paradoxal, um conteúdo consciente é também inconsciente em outro aspecto. Por tais assertivas, em consonância com os postulados da psicologia analítica, com- preende-se que a alma, em sua complexidade, refletindo as relações do homem e o mundo, podeser analisada em diversos aspectos. Deste modo, a análise de um ou alguns aspectos não quer dizer que se atingiu à sua totalidade.

A numinosidade da alma

Dentre as complexidades que permeiam a existência da alma e ou os aspectos que a caracterizam, buscou-se ressaltar a importância dos fenômenos numinosos e a necessidade de reconhecê-los presentes em nossa vida comum, como fonte criativa do bem e do mal. Com o devido respeito à posição de Rudolf Otto que teve esta experiência como sendo de ordem religiosa metafísica, acrescenta-se que para Jung e a psicologia profunda, ser de uma categoria ou outra tem igual valor, pois, o que mais importa é o fenômeno experienciado como realidade psíquica.

Sabe-se que em toda a história da humanidade, a alma foi objeto de investigação. E, se no princípio explicava-se a vida tendo o espírito como totalidade, foram os gregos que separaram o espírito da matéria, levando à Psicologia “sem alma”, como afirma Jung: “enquanto a Idade Média, a Antiguidade clássica e mesmo a humanidade inteira desde os seus primórdios acreditavam na existência de uma alma substancial, a segunda metade do século XIX, viu surgir uma psicologia "sem alma" (JUNG, 1984, §649).

Por este prisma, foram os estudos de Jung que possibilitaram a volta da “psicologia com alma”. Jung assumiu o desafio de comprovar que a alma não era apenas relacionada com o biológico, e, nesta perspectiva, avança para mostrar que a alma vai além da matéria, passa também, a estabelecer uma conexão com Deus e propõe a compreensão do ser humano pela forma de funcionamento da psique. Deste modo, explica como deve ser o olhar da psicologia: “sob o ponto de vista psicológico, os espíritos são, portanto, complexos inconscientes autônomos que aparecem em forma de projeção, porque, em geral, não apresentam nenhuma associação direta com o eu.” (JUNG, 1984, § 585, grifo do autor). Apresenta o arquétipo de *si mesmo* como correspondente à conexão da alma com Deus. Esta ligação com Deus para ele é o que se constitui numinoso e permite pela individuação, diferentes formas de agir diante da vida. Jung, em

suas experiências privilegia o ser humano com *Ser*.

Conclui que alma e espírito são complexospsíquicos. E ainda explica que, as almas correspondem aos complexos autônomos do inconsci-ente pessoal e os espíritos aos complexos autônomos do inconsciente coletivo (Cf. JUNG, 1984, §577-582). Para ele, é complexo, quando um conteúdo de carga energética é experimentado como experiência individual, com alívio é um conteúdo do inconsciente pessoal; o segundo complexo, o espírito, é carregado do conteúdo coletivo e possui numinosidade positiva.

Jung afirma que são as experiências, no conhecimento de si mesmo, que religam o ser humano a um inconsciente coletivo. O Self, como arquétipo central determina os arquétipos e suas manifestações. Jung (OC 8/2, §411) acrescenta que, "como fator numinoso que é, o arquétipo determina a natureza e o curso do processo de configuração, com uma precognição aparente ou mediante a posse apriorística da meta que é determinada pelo processo de centralização". Tais experiências numinosas permitem a conexão com algo maior que si mesmo e transcende em tempo e espaço, ao que é visto e sentido pelo consciente.

Ao tratar sobre o inconsciente coletivo, Franz (1984, p.120) traz uma contribuição, quando afirma, "o que hoje denominamos inconsciente coletivo aparentemente é projetado nas diferentes partes do corpo. É claro que não se trata apenas de uma projeção". Argumenta citando "que sonhos com cobras ou insetos, por exemplo, podem ocorrer quando há perturbações do sistema nervoso simpático". Sendo para ela, um indicativo de "que certos arquétipos estejam de algum modo, ligados a certas áreas específicas ou funções do corpo".

Por outro lado, o conhecimento de *si mesmo,* a transcendência do ego, que a individuação assume, é a numinosidade, como energia psíquica que o faz único, como resultado do inconsciente coletivo.

Franz (1984, p.132) destaca que "Moody apresenta a relação entre "ego purificado" e Self (o ser luminoso) nos seguintes termos: "Quando meu coração parou de bater, eu me senti como se fosse uma bola, e também uma pequena esfera, dentro dessa bola. Não consigo descrever exatamente como era.". E, então, ela reforça, "essa imagem impressiona, pois parece retratar a relação "certa" entre ego e Self, isto é, o ego é parte do todo e ao mesmo tempo forma com o todo uma coisa só. É precisamente essa relação entre ego e Self que a psicologia junguiana tenta estabelecer num analisando ou analisanda".

Neste sentido, é preciso o ego purificar-se para tornar-se a totalidade Self. É a partir do conhecimento de si mesmo que o ser humano entenderá que há um inconsciente coletivo que o influencia e que é indissociável do seu modo de ser.

Franz (1984, p.139), ao abordar suas experiências com indivíduos à beira da morte, conclui: “eu também observei esse estado psíquico em algumas pessoas. Foi possível para ela, perceber que, “duas consciências coexistiam: uma superficial e cotidiana, parecia não ter a menor noção da proximidade da morte e ainda fazia planos mundanos; outra, mais profunda e mais séria, de quando em vez se manifestava, deixando claro que a pessoa sabia muito bem que seu fim estava próximo e que se preparava para enfrentá-lo”.

Na percepção de Franz, essa “consciência mais profunda" pertente ao “Self, que parcialmente se encontra além do tempo e do espaço”, e revelaque é esta “parte do ser humano que sobrevive à morte”. E exemplifica: “a alma p’o dos chine-ses, ou força vital imanente ao corpo, mantém uma espécie· de herança impessoal - poder-se- ia dizer que ela tem "complexos" - que não pertencem apenas ao indivíduo”. Por este prisma pode-se concluir que a “consciência mais profunda” transcende a maté-ria e permanece viva.

Ainda trazendo as observações de Franz, em seus estudos, é de bom alvitre destacar sua abordagem quanto à existência de um corpo sutil. Franz, (1984, p. 158), busca sustentação nas teorias de Jung: “à luz das reflexões de Jung, conviria examinar mais de perto as teorias tradicionais sobre a existência de um corpo sutil.” Cita, então, experiências da Antiguidade: “os pitagóricos, os órficos e os platônicos di- ziam que a alma possui uma espécie de corpo sutil radiante, que serve de veículo (ochema) parasuas manifestações”.

Complementa, destacando que, “segundo Hiérocles de Alexandria, os princípios vitais pitagóricos serviam para libertar a alma da matéria bruta e tomá-la "brilhante"(augoeides), para que pudesse associar-se aos seres etéreos (os deuses). No Fedro de Platão (250 C) consta que a alma, antes de baixar à sepultura, está "envolta" em brilho".

Deste modo, busca ressaltar a numinosidade da alma, percebida desde os povos anti-gos, cujas crenças são consubstanciadas pelos estudos de Jung.

E ainda é Franz (1984) que traz uma importante contribuição, esclarecendo: “A ex-pressão “brilho" (auge), usada por Platão, levou à "alma luminósa" (augoeides) dos comenta-dores neoplatônicos. Foram precisamente eles que desenvolveram a ideia do corpo de luz ou de um corpo sutil superior e imortal”. Ilustra o que afirma, citando: “Num fragmento de Damácio, lemos o seguinte: "A alma possui um certo veículo (ochema.) brilhante (augoeides), também chamado "estelar" (asteroides) e eterno. Situa-se no corpo, na cabeça ou no ombro direito"

Explica que ‘Ao comentar o Parmênides de Platão, Damácio descreve essa alma bri-lhante e observa que, ao encarnar-se, ela vai gradualmente escurecendo até tomar-se matéria, sem, no entanto, perder sua "identidade numérica" (unicidade?)”.

Por considerar bastante pertinente o que diz (FRANZ< 1984, p. 158). é importante destacar: “O corpo radiante e o corpo luminoso da alma não se misturam abruptamente ao corpo físico bruto, segundo sustentam vários autores; pelo contrário, subsiste entre corpo e alma uma espécie de "espírito corpóreo". E assim complementa que é através deste que “a alma move o corpo, faz o sangue circular e os órgãos dos sentidos funcionarem. Esse “espírito corpóreo" é uma espécie de quintessência dos quatro elementos. Se orientado para cima, produz ideias e conteúdos psíquicos racionais e objetivos; se para baixo, produz ilusões (phantasias).”

Pelo que expressam as citações pode-se concluir pela própria, Franz (1984, p. 167), que há “uma forma de energia que gradualmente muda, de fisicamente mensurável, a psiquicamente incomensurável.” Para Franz (1984, p. 169), “Jung defendia a suposição de que a realidade psíquica poderia localizar-se num nível supraluminoso de frequência, isto é, além da velocidade da luz”. E ainda Franz (1984, p. 177), “à luz da hipótese de Jung, todo esse complexo de questões funde-se numa surpreendente unidade”.

2. METODOLOGIA

Segundo Fonseca (2002, p.32) a pesquisa bibliográfica constitui-se de um levantamento de referências já analisadas e publicadas em escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Por outro lado, Gil (2007, p.44) considera como exemplo de pesquisa bibliográfica investigações sobre ideologias ou sobre análises de diversas posições de um problema. Assim, neste trabalho, optou-se em ter como base a pesquisa bibliográfica, numa abordagem qualitativa, de caráter exploratório, no intuito de alcançar maior familiaridade com o tema.

Estabeleceu-se como princípio, buscar em referências teóricas as informações, os conhecimentos que dessem respostas ao problema destacado.

Sendo assim, foi feita a pesquisa bibliográfica, com levantamento de materiais que melhor correspondessem aos objetivos traçados, utilizando-se como fontes, publicações impressas e virtuais, cujo foco centrava-se na psicologia analítica, preconizada por Jung.

De acordo com Lakatos (2000, p. 71) o método indutivo prevê que pela indução experimental o pesquisador pode chegar a uma lei geral, saindo de constatações particulares sobre fenômenos observados até teorias mais gerais. Buscou-se, portanto, fundamentação teórica através do enfoque no método indutivo para compreender e contextualizar abordagens que contemplam as visões/percepções da Psicologia Analítica, no que tange ao conceito de alma.

Com base no que afirma Koche (1997, p.122) ao definir que a pesquisa bibliográfica tem como objetivo: "conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa", buscou-se selecionar publicações pertinentes ao tema, utilizando-se como descritores de inclusão, as palavras-chaves: alma, psique, inconsciente coletivo, numinosidade, sendo incluídos os que tiveram suas datas de publicações entre 1995 a 2019. Em uma nova fase do estudo, procedeu-se uma criteriosa análise, destacando o que melhor respondia ao objetivo traçado, o que possibilitou adentrar no âmago do estudo, destacando as teorias de Jung como diferencial divisor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica, sobre o tema: aspecto numinoso da alma, cujo objetivo foi compreender a visão da alma, segundo a Psicologia Analítica, para perceber onde ela se situa e atua. A partir dos questionamentos delimitadores: como a alma é vista pela psicologia analítica? Em que se constitui a numinosidade da alma? Foi possível adentrar no assunto pela visão da Psicologia analítica estabelecendo comparações entre o que a Psicologia preconizava sobre a alma, antes e depois dos estudos de Jung.

A opção pela pesquisa bibliográfica foi, portanto, por esta se constituir o caminho, uma vez que permitiu uma investigação minuciosa das teorias sobre o assunto em pauta. Assim, se desenvolveu por etapas, sendo a primeira etapa essencialmente de busca de arquivos, livros impressos ou virtuais a partir dos indicadores de inclusão estabelecidos por palavras- chave, assim destacadas: alma, psique, inconsciente coletivo, numinosidade, sendo incluídos os que tiveram suas datas de publicações entre 1995 a 2019; a segunda etapa exploratória constou da seleção de abordagens que contemplavam as ideias de Jung e sua visão de uma nova Psicologia. Numa terceira etapa procedeu-se o fichamento de informações. Já na quarta etapa, fez-se a análise dos achados, culminando com a construção deste trabalho. Buscou-se verificar os conceitos de alma em diferentes épocas, assim como, perceber a visão da Psicologia analítica, no que diz respeito à alma.

De modo simplista a alma é correlacionada à essência humana. Pode-se dizer que é a força motriz que anima o corpo. Por outro lado, a alma pode estar associada nominalmente à pessoa que acaba de nascer, ao criar uma identificação com a consciência individual. Stanford (1998, p.121), ratifica que "os gregos acreditavam que tinha algo dentro de si que animava os

corpos". Vê-se que, mesmo em saber defini-la, já havia a crença na alma, por diferentes povos.

A palavra alma etimologicamente tem múltiplos significados correspondente em várias culturas. Para Nordby e Hall (2005, p. 25) a "psique tem raiz no latim e significa espírito ou alma e atualmente é referida como mente".

Para Stanford (1998, p. 120), "a palavra *soul* [alma] é o equivalente da palavra *psyche".* Para Grinberg (2003, p. 221) "a alma é sinônimo de psique". Por isso, Jung (2011, p.83), enfatizou "[...] A alma é de tal complexidade que pode ser observada e analisada a partir de vários ângulos".

O ponto incomum entre os significados tem como premissa algo abstrato, imaterial e metafisico. Em contraponto, Dodds (*apud* Pedraza 2010, p. 38), informa, "no século V em Atenas a palavra Psiquê não era referida a nada metafisico. A alma não era prisioneira ao corpo, era a vida ou o espírito do corpo, se sentia nele como a sua própria casa". Contra argumenta Jung (2013, p. 299) "que a alma [...] está apenas encarcerada no corpo [...]".

Em contraponto, Dorst (2015, p. 320), retifica que "ninguém sabe o que é psique, como ninguém sabe até onde a natureza da psique se estende". A complexidade do consciente e inconsciente, de algo que foge à percepção material, embora esteja presente na matéria, não é matéria, transcende e transmigra.

De outro modo, acredita Hollis (2011, p. 17) que "o fato de a alma estar ou não presente não tem importância. O que importa é experimentar a profundidade, a sugestão da presença do mistério que constitui a alma". Por se tratar de alguma coisa que não se possa definir, Hilman (2004, p. 41) aponta que "a alma não é um conceito e sim um símbolo". Carvalho e Freire (2019) acrescentam que "Jung considerava a psique como uma realidade complexa e somente pode ser descrita satisfatoriamente por meio de paradoxos" ou antinomias.

Aponta Jung *apud* Jaffe (2002, p. 133) que "a alma é a personificação do inconsciente [...]", em consonância com Hilman (2004, p. 41) quando afirma que "os termos alma e psique podem ser utilizados alternadamente, todavia recomenda-se eximir da ambiguidade do termo alma e dar primazia a psique".

Stanford *apud* Hollis (1998, p. 193), destaca que, "embora a ideia de alma possa ser excessivamente amorfa para muitos, que é preciso retê-la, precisamente, a fim de honrar sua ambiguidade, sua intangibilidade".

Jung, em seus discursos mais apaixonados, frequentemente, usava a palavra alma em virtude da capacidade dessa palavra ter nuance sutil de significado e também por causa do conteúdo sentimental dela. No Livro Vermelho de Jung ratifica essa afirmação. Por exemplo:

> Estou cansado, minha alma, já dura demais o meu caminhar, minha busca por mim fora de mim. [...] e encontrei a ti, minha alma, primeiramente em imagem na pessoa e, depois, ali mesma. Encontrei-te lá onde menos esperava andei durante muitos anos, tanto que esqueci que possuía uma alma (JUNG, 2010, p. 233).

Deste modo, expressa a consciência da existência da alma, ainda que inconsciente de sua localização, em si mesmo. A alma, portanto, é imperceptível aos olhos, mas, real no âmago do sentir da natureza humana.

Outro trecho em obras completas volume 13 atribui a um só significado linguístico as palavras alma, anima e psique. Jung (2013, p. 46) do mesmo modo, acrescenta Wilhelm (2007, p. 53) "a figura feminina no inconsciente dar-se o nome feminino de: anima psique e alma".

A *Psiquê* - alma tem um significado específico em toda representação literária mítica grega que perpassa as tradições orais e em particular é iniciada no período clássico oficialmente pelo famoso conto de Apuleio, que atribui a alma como protagonista da trama, ação e poder imagético do conto. Por isso, Pedraza (2010, p. 25), chega a afirmar o conto Eros e Psiquê como o único em toda literatura mitológica que retrata a iniciação da alma com a imagética mitológica, "[...] A iniciação da Psiquê no psiquismo através de suas penas seu sofrer, suas emoções: a luta do psíquico". O próprio nascimento da Psiquê já retrata o calvário, solidão, sofrimento, desilusão e emoções.

Acrescenta Johnson (2009, p. 27), "*Psiquê* nasceu de uma gota de orvalho, que vinda do céu, caiu sobre a terra [...] A natureza da Psiquê é tão magnificente, tão fora do mundo, tão original e pura, que é adorada, mas não cortejada". Por outro lado, Hilman, (2004, p.21) afirma: "a psique é a vida de nossa resposta estética, aquele sentido de gosto em relação às coisas, aquela vibração ou dor, desgosto ou expansão do peito – reações estéticas primordiais do coração que são a própria alma falando".

Para Marchon (2016, p. 46) "Jung compreendia a alma não só como um lugar que o fiel encontra Deus e sim ressaltava a dignidade da alma através da imortalidade, eternidade e imaterialidade que dava significado a sua substancialidade". Em contraposição, Hilman (2004, p. 40) diz que "a alma é uma experiência e imagem mais difícil de esclarecer e, ainda", Barcellos declara (2012, p. 97) "a alma como aquilo que transforma os eventos em experiências, ou que os devolve para suas imagens".

Por outro lado, Sanford ressalta (1998, p. 193) "Jung afirmava que a imagem da alma pertencia à ideia da unidade." Hollis, (2011, p. 17) ratifica: "a ideia de que a psique designa a jornada da experiência onipotente a qual ansiamos por escapar", para (GRINBERG, 2003, p.64)

"uma vez que a experiência do ego tem a participação da psique, fica difícil separar os fenômenos da experiência com a própria psique".

Esta é a dificuldade: a psique é tanto sujeito quanto objeto de estudo. Jung (2013, p. 429) relata, "no que se refere ao caráter da alma, se comporta completamente com relação ao caráter externo". A alma possui todas as qualidades humanas que faltam à atitude consciente.

Para expor detalhadamente o que o autor expressa, pode-se citar um exemplo clássico na psicologia analítica, relativo à dinâmica do caráter da alma: a alma possui um caráter complementar na conjunção consciente/ inconsciente no caso persona e sombra. Exemplo: em um homem duro e cruel sua alma contém aspecto humano de fraqueza que faltam completamente à atitude consciente.

Por outro lado, Hilman (2004, p. 41) enfatiza atributos qualificativos da alma. "Ela confere sentido, transforma acontecimentos, em experiências, comunica-se pelo amor e tem uma explicação religiosa". Sanford (1998, p.193) "Jung acreditava que a alma funcionava interiormente como uma espécie de ligamento psíquico que conservava unidades dentro de nós as partes dessemelhantes de nossa personalidade". Acrescenta Barcellos (2012, p. 82) "com a obra de Hilman, a anima pode se livrar de ser pensada sempre em termos de opostos, sempre presa nas sizígias, seja com animus, com sombra, com self". Pode-se ver que a anima, alma está por tudo e em tudo [...]".

A alma sempre fascinou a curiosidade humana. Citada em prosa e verso como também em textos filosóficos no anseio da busca dessa alma. Barcellos, (2002, p.88) explica: "o nexo entre imagem e psique inseriu-se numa tradição de exploradores e teóricos, que inclui os poetas românticos, os alquimistas, os visionários da mística islâmica, os surrealistas, Paracelso, Henri Corbin, Gaston Bachelard e entre outros [...]".

Ela foi campo de investigação especulação para os céticos ou não. Várias áreas do conhecimento humano tais como as diversas ciências enveredaram por esse universo metafísico. A arte dadaísta de Schwiet aproxima-se da alquimia. O artista vanguardista valoriza os materiais mais grosseiros, é o que os alquimistas em seu mais velho princípio, afirmavam o objeto mais precioso que se busca será encontrado na matéria mais vil. É o que levou Kandinsky a dizer "tudo possui uma alma secreta, que se cala mais do que fala".

Para Jung (2013, p. 131) "os alquimistas associavam o mercúrio a alma do mundo. [...] essa operação alquímica consistia em separar a alma do corpo da prima matéria e reuni-los a *posteriori* no matrimonio *chymicum*" dito de outra forma *coniunctio*.

Convém destacar que nos estudos sobre alquimia a alma não se diferenciava de anima.

Esse pensamento pode ser notado quando Hillman (2020, p. 97), em vários trechos, menciona que Jung demonstra a identidade de anima e mercúrio: "mercúrio recebe muitos nomes de anima e alma, e, como mercúrio é chamado de arquétipo do inconsciente, a anima é o arquétipo que personifica o inconsciente coletivo".

Seguindo por esse mesmo viés, Sanford (1998, p. 194) diz que "Jung dedicava atenção à alquimia por perceber nele símbolos do processo de individuação. Esse processo era chamado na alquimia de extração da alma da matéria prima". Hillman (2020, p. 85) ainda ver "a alma como arquétipo, que também pode ser chamada de psique ou alma".

Hollis, ao analisar um trecho do poema de Hölderlin, "o Deus está perto, porém difícil de alcançar", ficou estupefato e interroga-se sobre o propósito da psique: quando ela nos puxa para trás, para baixo e para dentro objetiva nos levar de volta a alma? Essa força que levou Jung (2013, p. 299) a dizer "a alma, no entanto, tem o poder absoluto e independente de fazer coisas que o corpo ignora. E tem o maior poder sobre o corpo".

Em contraposição, afirma Carvalho e Freire (2019): "A psique depende do corpo e o corpo depende da psique. Para ambas as afirmações desta antinomia existem provas óbvias, de tal maneira que um juízo objetivo não poderá decidir-se pela preponderância da tese sobre a antítese".

Jung (2013, p. 23) propaga "a inegável conexão entre a psique e o cérebro confere a esse ponto certa importância, mas não como uma verdade exclusiva". Por outro lado, Stanford (1998, p.195) afirma "Jung observava que as disciplinas gostavam de separar o corpo da alma.[...], mas não existe uma divisão rígida e elas se influenciam mutuamente. Os problemas somá-ticos afetam na e a condição da alma afeta o corpo".

Em relação ego e psique, Edinger (2020, p.114), no seu livro Ego e Arquétipo, em uma visão analítica, e assim, descreve a respeito do Livro de Jó. O ego não constitui o criador da psique e nada sabe a respeito dos fundamentos profundos em que sua existência repousa. Atente-se para as inquietações contidas nesses escritos, que expressam um diálogo com o desconhecido do próprio ser: "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Diz- me, se o sabes e compreendes. Quem te fixou as dimensões? Certamente deves saber. Quem entendeu sobre essas medidas? Em que se apoiam as suas bases? Quem assentou a sua pedra angular? Quando as estrelas da manhã cantavam. E todos os filhos de Deus rejubilaram". Há uma incógnita diante do ego e algo que vai além dos seus domínios conscientes.

O ego é advertido de que a psique o antecede, não tem noção de onde ela surgiu, nem sabe dimensioná-la em sua totalidade. Embora parte do todo, o ego não penetra na

complexidade e abrangência de suas partes. E continua Edinger (1995, p. 114): “acaso penetraste no maisprofundo mar/ Ou passaste no mais profundo abismo? Terão as portas da morte sido reveladasa ti? Acaso viste o porteiro da casa das trevas? Compreendeste toda a vastidão da terra?”.

O inconsciente é imperceptível ao consciente. E o consciente precisa ultrapassar a si, mesmo para compreendê-lo em si. No texto alquímico *anima corporalis*, Jung (2013, p. 300) analisa a alma como a própria *anima corporalis*, que mora no sangue e corresponderia ao inconsciente.

É compreendido como fenômeno psíquico intermediário entre a consciência e o corpo. Do mesmo modo, Stanford (1998, p. 121), afirma “uma ideia semelhante alimentada por muitos povos da antiguidade era que o sangue conduzia a força de vida da alma”.

Jung em seus estudos a respeito da alquimia percebeu aspectos psicológicos no tratado dos alquimistas. Eles projetavam parte de sua psique sobre a matéria ou objetos inanimados. Neste sentido, oferece prodigiosa riqueza das imagens utilizadas pelos escritos alquimistas. Daí o porquê dos estudiosos da psicologia dos complexos afirmarem que a alquimia é o mito dos tempos modernos.

E de forma intuitiva bem retratada na música do compositor e cantor Jorge Bem Jor. “os alquimistas estão chegando”. Neste sentido, Franz, (2018, p. 28) chama a atenção para a percepção dos alquimistas: “[...] a alquimia é a linguagem da matéria. É a linguagem de um território onde a psique e a matéria se toca. [...] para os alquimistas a matéria não é inanimada eles têm inclusive a ideia da anima mundi, a convicção que a matéria tem uma psique”.

A psicologia analítica, baseada na afinidade com a alquimia, chama a alma de psicopombo ou mercúrio que transitava entre os dois mundos: consciente e inconsciente. Era representada e personificada na mulher como anima e no homem animus. Em linhas gerais, a respeito do encontro e afinidades entre o texto alquímico chinês traduzido por Wilhelm que retrata os arquétipos da alma, Jung (2013, p. 44) assevera “às figuras de nossos textos, os quais correspondem não somente os deuses, mas o animus e a anima”. Assim, anima, alma e psique funcionam como mensageiro e guia e os dois mundos. Por isso, Stanford sinaliza a existência da anima alma no inconsciente e Jung (199, p.195) interpreta “no livro a Divina comedia, é Beatriz que guiou Dante através do céu e do inferno. Nesse caso, a personagem feminina legitima a representação da imagem alma /anima”.

Stanford (1998, p. 195) afirma “a ideia da alma, como função existente dentro de nós, facilita o relacionamento com o inconsciente”. Em contraponto, Barcellos (2012, p. 52)

assegura “tanto Jung como Hilman concorda que a anima não está em nós e sim que nós estamos na anima”. Já Hollis (2011, p. 17) aponta “a alma está sempre presente, se bem que inconsciente procurada do lado de fora”.

Para Nordby e Hall (2005, p. 25) “a Psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamento, conscientes ou não. É um regulador e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico”. E Jung (2013, p. 424) amplia esta visão: “[...] fui obrigado a fazer uma distinção conceitual entre alma e psique. Por psique entendo a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes. Por alma, porém, entendo um complexo determinado e limitado de funções que poderíamos caracterizar melhor como personalidade”.

Para Jung, a psique relaciona-se com a mente ou o comportamento do indivíduo, a alma relaciona-se ao ser, ao sentimento, sensibilidade, manifestações que transcendem a matéria. Acreditava no conceito alquimista do espírito da matéria. Considerava que o espírito encontrava-se dentro e por traz dos objetos inanimados. Acrescenta Jung (2008, p. 42) “[...] em termos psicológicos, esse espírito é o inconsciente”. Em analogia a alquimia e inconsciente Franz (2018, p. 32) ressalta: “a alquimia consiste, em contatar a matéria, não a partir dos meios, extrovertidos, ao exterior, não a medindo, mas contatando-a com o interior de si próprio”.

Por outro lado, há a compreensão de que há diferentes luminosidades à luz da consciência e tal claridade pode ser alterada pelas gradações do complexo do ego. A partir da estruturação do ego o brilho intensifica-se a partir das experiências externas ou internas pelos instintos e afetos, ou seja, a consciência do ego apresenta-se com diversificada luminosidade.

Paracelso explicita na sua obra, Philosophia sagax, p.81: “E do mesmo modo como no homem não pode existir nada sem o númen divino, assim também nada pode existir no homem sem o lúmen natural. São estas duas únicas partes: o númen e o lúmen, que tornam o homem perfeito”. O homem, portanto, tem duas essências, a divina e a material, energias distintas, mas inseparáveis: “Tudo o que existe provém dessas duas coisas, e as duas estão no homem, mas sem elas o homem não é nada, embora possam existir sem o homem” para a existência do homem.

Jung no livro “O homem e seus símbolos” cita o lado numinoso da alma no capitulo IV ‘O simbolismo nas artes plásticas’ e especificamente no subitem a alma secreta das coisas. Para Jung (2008, p. 341), “a obra de Schwiet e a exaltação mágica do objeto ocupam o espaço do espírito humano e de sua significação simbólica”.

Por tal premissa, as diferentes luminosidades são resultadas da consciência de imagens simbólicas, assim como do inconsciente, carregado de imagens simbólicas que podem ser

desvendados nos sonhos ou mesmo pelas fantasias visuais ou dados históricos, ou seja, os arquéti-pos podem ser identificados como centelhas.

Khunrath destaca que a mônada e o Sol são indicadores da divindade. Inácio de Antioquia ao escrever aos Efésios (XIX Is), sobre a vinda de Cristo, cita: "Mas, como ele se manifestou aos éons [idades]?" E acrescenta: "Uma estrela brilhou no céu, mais luminosa do que todas as outras estrelas, e sua luz era inexprimível, e tal fenômeno provocou espanto. Todas asoutras estrelas, juntamente com o Sol e a Lua, se reuniram em coro, à volta dessa estrela". (JUNG, 2011, p.66). Para a psicologia, a mônada é o símbolo do Self.

Neste sentido, Jung sustentado em Otto e Cícero conceitua a religião como o numinoso: "Religião é aquilo que nos incute zelo e um sentimento de reverência por uma certa natureza de ordem superior que chamamos divina" (JUNG OC 11/1, §8, nota 4). Fazendo reverência a fenômenos anímicos arquetípicos e religiosos numinosos, Jung valoriza a religião como meio de respeitar a divindade.

Afirma ainda: "por isso a posição inconsciente dos contrários não pode ser aceita, simplesmente porque parece excessiva a contradição com as concepções fundamentais dominantes. (JUNG, OC 7, §118).

Foram os estudos de Jung que desencadearam uma nova Psicologia, denominada, "Psicologia Analítica", a qual tem como base de investigação, os sonhos, desenhos, ou outros ma- teriais que expressem o inconsciente. Jung afasta-se da concepção de Freud ao assumir a exis- tência do inconsciente coletivo, sustentando que símbolos de natureza universal são arquétipos que permitem o diálogo com o inconsciente. Apontando, inclusive o aspecto numinoso da alma,como uma interligação entre arquétipos e religião.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema posto em discussão buscou responder como a alma é vista pela psicologia analítica e em que se constitui a numinosidade da alma. Por isto, para chegar a uma conclusão, traçou-se como objetivo geral: compreender a visão da alma, segundo a Psicologia Analítica, para perceber onde ela se situa e atua.

A alma tem sido objeto de especulações e discussões filosóficas. Destarte, esse estudo mobilizou esforços para que, de alguma maneira, pudesse oferecer uma contribuição significativa a esse campo de pesquisa. Buscar a "alma" significa encontrar o sentido da nossa própria existência, portanto, o valor de si mesmo, aqui e agora.

A alma é a raiz metafórica primeva da psicologia, tanto que no seu discurso etimológico anuncia a acepção linguística logos da psique, ou seja, uma narrativa da alma.

O homem sem alma perde o sentido da própria existência, pois ela é o élan vital que nos move e nos dá significado. Para Jung, sem a alma a gente "morre", vive-se uma vida sem vitalidade.

Para aqueles que têm a sede da alma arriscam-se e se lançam na jornada do herói, eles têm por tarefa, talvez, revelar o sentido secreto da alma. Cada pequeno passo, que for dado em direção ao encontro da alma, tem um efeito universal. De forma sincrônica, a ideia chinesa do Tao e o pensamento analítico provocaram Jung a dizer que "aquilo que chega ao ponto A chegou a todos os lugares".

Somos levados a compreender que uma psicologia profunda que expresse a natureza da psiquê deva honrar e perceber a eminência da alma em todas as coisas. Do mesmo modo, se quisermos recuperar a alma perdida, que é o propósito maior da psicologia, deve-se recuperar a ideia de estar conectado com a própria alma. Por mais materialistas e racionais que nos tornemos, a alma contempla-nos com sua realidade.

Nesta pesquisa foi possível perceber como é a visão da alma na psicologia analítica. De certo modo, o conceito de alma foi assimilado e resgatado na sua mais primordial essência, no entanto, arquetipicamente, na visão platônica, a alma está além da forma. A alma sob o prisma da psicologia analítica apresenta certa equivalência tanto com as ideias neoplatônicas como pitagóricas, pois ambas acreditam que a alma está além do mundo dos sentidos.

Foi possível entender com clareza os conceitos por Jung preconizados e perceber a Psicologia e sua prática antes e depois dele. Notadamente, sobre o foco do estudo foram encontradas as respostas que ampliaram seguramente a compreensão da alma pela Psicologia analítica.

Assim como a alma, o inconsciente está além dos sentidos e das formas e numa relação de interdependência, deve-se entender que não pode existir alma psique sem o inconsciente e o inconsciente sem alma psique.

Na profusão de vários sentidos, conceitos, relatos e conjecturas a respeito da existência e finalidade precípua da alma, bem como da sua interface com o universo psíquico, a psique alma e anima está ainda longe de ser decifrada e compreendida.

Pode-se dizer que, assim como as borboletas, que em lindos voos livres, não se deixam aprisionar, a alma, em suas sutilezas, não nos permite explicá-la apenas com palavras. Por conseguinte, esta pesquisa não se encerra em si mesma, mas, serve de estímulo para novos estudos, novas inquietações e, até mesmo, novas descobertas.

REFERÊNCIAS

APULEIO, Lúcio. **O Asno de Ouro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, Edições de Ouro, [19-]. (Coleção universidade).

BARCELLOS, Gustavo. P**sique e imagem:** Estudo de psicologia arquetípica**.** Petrópolis RJ Editora Vozes 2012.

BOECHAT, Walter. **A Mitopoese da psique**. 1ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2009.

BULFINCH, Thomas. **Mitologia: História viva**. São Paulo: Duetto, v. I, 2001.

CARVALHO, Antonio Gregory Rocha; FREIRE, José Célio. Psique e ética em CG Jung: o lugar do irracional na constituição do etos. **Psicologia USP**, v. 30, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S010365642019000100208&lang=pt**.** Acessos em: 9 jan. 2020.

DORST, Brigitte. **Espiritualidade e transcendência.** Petrópolis – RJ, Ed.Vozes, 2015.

EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo individuação e função religiosa da psique**. São Paulo, Ed. Cultrix, 2020.

FACCO, Marta. Um objeto epistêmico em processo. **Revista Cadeira**, Santa Catarina: UDESC/CEART, 2016.

FRANZ, Marie Louise. **A busca do sentido**. São Paulo, Ed. Paulus, 2018.
GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo**. Editora Blucher, 2017.

HILMAN, James. **Anima:** psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem esua interioridade na mulher. São Paulo, Ed. Cultrix, 2020.

HILMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo.** Campinas, SP. Ed. Verus, 2010.

HILMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião** São Paulo. Paulus, 2004.
JAFFE, Lawrence W.; CALLINI, Euclides Luiz. **A alma celebra: preparação para a nova religião**. Paulus, 2002.

JOHNSON, R. A. A chave do entendimento da psicologia feminina. **São Paulo: Mercuryo**, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês**. Editora Vozes Limitada, 2017.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes 2013.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho:** Liber Novus**.** Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos.** Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2013.

MACHON, Henryk. **O Cristianismo em CG Jung: fundamentos filosóficos, premissas psicológicas e consequências para a prática terapêutica**. Editora Vozes Limitada, 2016.

HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. **Introdução à psicologia junguiana**. Editora Cultrix, 2005.

PEDRAZA, Lopes Rafael. **Sobre Eros e Psiquê.** Petrópolis RJ Editora Vozes, 2010.

SANFORD, John. **A jornada da alma.** São Paulo. Paulus, 1998.